

FRAGMENTOS DE UMA PRECIOSA MEMÓRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Naomar Monteiro de Almeida Filho

Vice-Reitor

Francisco José Gomes Mesquita



INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Titulares

Ângelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninõ El-Hani

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria do Carmo Soares Freitas

Suplentes

Alberto Brum Novaes

Antônio Fernando Guerreiro de Freitas

Armindo Jorge de Carvalho Bião

Evelina de Carvalho Sã Hoisel

Cleise Furtado Mendes

Maria Vidal de Negreiros Camargo



FRAGMENTOS DE UMA PRECIOSA MEMÓRIA

Esmeralda Aragão
e a Biblioteconomia na Bahia

Angela Maria Barreto
Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira

Edição comemorativa dos 10 anos do
Instituto de Ciência da Informação - ICI

EDUFBA
Salvador, 2009

©2009, by Autores.
Direitos para esta edição cedidos à EDUFBA.
Feito o depósito legal

Projeto gráfico, capa e editoração eletrônica
Alana Gonçalves de Carvalho

Revisão de linguagem
Marilene Lobo Abreu
José Lúcio de Freitas

Biblioteca Central Reitor Macêdo Costa – UFBA

Barreto, Ângela Maria.

Fragmentos de uma preciosa memória : Esmeralda Aragão e a Biblioteconomia na Bahia / Ângela Maria Barreto e Maria Isabel de Jesus Sousa. - Salvador : EDUFBA, 2008.
102 p.: il.

Edição comemorativa dos 10 anos do ICI - Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.
ISBN 978-85-232-0557-7

1. Aragão, Esmeralda. 2. Bibliotecários - Bahia - Biografia.
3. Biblioteconomia - Estudo e ensino. I. Sousa, Maria Isabel de.
II. Título.

CDD - 020



EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n, *Campus* de Ondina,
40170-115, Salvador-BA, Brasil
Tel/fax: (71) 3283-6164
www.edufba.ufba.br | edufba@ufba.br

DEDICATÓRIA

Homenageamos ESMERALDA ARAGÃO ao registrarmos suas experiências como profissional da informação, cruzadas com sua história de vida e a de outros, seus contemporâneos.

O nosso Departamento de Documentação e Informação (DDI) estava em débito com seu membro expoente. Esta é uma iniciativa dele, a quem Esmeralda serviu com responsabilidade, eficiência e dedicação. Somos, apenas, as mediadoras, as registradoras dessas lembranças.

Estendemos esta homenagem a todos os que construíram a antiga Escola de Biblioteconomia da Bahia, nos idos de 1942 a 1998, quando, cumprindo o chamado da Sociedade da Informação que se esboçava, passou a denominar-se INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, reformulando-se e desenvolvendo-se.

Parabéns pelos 10 anos do ICI, fundados no dinamismo de seus construtores e consolidado por todos os que continuaram e continuam sua história.



AGRADECIMENTOS

À diretora do ICI, Profa. Dra. Lídia Maria Batista Brandão Toutain. Sua sensibilidade acolheu sua força entusiasmou e sua crença neste projeto, tornou-o realidade.

À EDUFBA, pelo interesse e empenho na publicação.

Aos colegas, pela confiança e expectativa.

Ao amigo Rui Barreira, pelo apoio fraterno e o suporte técnico necessários ao uso das tecnologias.



LISTA DE FOTOGRAFIAS

	p.	
Foto 1	Formatura em professora primária	55
Foto 2	Esmeralda com colegas formandos em 1955 (1ª da esquerda para a direita)	57
Foto 3	Formatura em Biblioteconomia - 1955 - oradora da turma	57
Foto 4	Organização do acervo Jorge Amado - alunas sentadas e, em pé, Esmeralda, Dinorá e Marinha Andrade	62
Foto 5	Esmeralda, com colegas e alunos da EBD, em Cachoeira (projeto PRODESCA)	63
Foto 6	CFB 11ª Gestão - 1997 a 2000 (da esquerda para a direita Esmeralda, Neusa Tinoco, Isabel)	68
Foto 7	Homenagem aos 30 anos da FEBAB	69
Foto 8	Esmeralda (em pé) junto com Laura Russo (sentada, 1ª da esquerda) e colegas no Congresso de Biblioteconomia, no Recife	76
Foto 9	Esmeralda e Belita, em 1958, em evento no Rio de Janeiro	77
Foto 10	Esmeralda e Maria José em evento	78
Foto 11	Esmeralda e Maria José - abertura das comemorações dos 10 anos do ICI	79
Foto 12	Comenda Maria Quitéria	79
Foto 13	Homenagem do CFB em 2000	80
Foto 14	Homenagem prestada pelos CRB-5 e ICI durante as comemorações dos seus 10 anos, com a criação da Medalha Esmeralda Aragão	80
Foto 15	Esmeralda em momento de descontração	82



SUMÁRIO

PREFÁCIO... 13

APRESENTAÇÃO... 17

A ETERNA MESTRA DO AMOR AOS LIVROS... 17

INTRODUÇÃO... 21

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL A PARTIR DAS
MEMÓRIAS INDIVIDUAIS... 27

DA BIBLIOTECONOMIA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO... 37

CONTEXTUALIZAÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL E NA BAHIA... 47

UMA PEDRA FIRME E BRILHANTE MORA NESTE NOME
ESMERALDA ARAGÃO... 53

VIDA EM FAMÍLIA E MOTIVAÇÃO PARA A VIDA PROFISSIONAL... 53

UMA TRAJETÓRIA CERCADA DE LIVROS, PAPÉIS E DOCUMENTOS... 58

ESMERALDA: MULHER AFETIVA... 75

COMPARTILHANDO LEMBRANÇAS... 87

DA COLEGA E AMIGA, PROFESSORA MARIA JOSÉ RABELO DE FREITAS... 87

DO COLEGA E AMIGO ARISTON MASCARENHAS, GERENTE ADMINISTRATIVO... 92

DA EX-ALUNA E AMIGA, PROFESSORA CARMÉLIA REGINA MATTOS... 93

CONSIDERAÇÕES FINAIS... 97

REFERÊNCIAS... 99



PREFÁCIO

Colocando uma palavra neste livro de memória, expresso a minha admiração crescente por Esmeralda Maria Aragão. Conheço o seu trabalho como profissional da biblioteconomia e como professora, especialmente, na condição de diretora da biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.

Esmeralda pertence ao grupo inicial de bibliotecárias, juntamente com Belita Liberato de Matos Carvalho, Lindaura Alban Corujeira e tantas outras que lideraram a implantação das bibliotecas na Universidade, no reitorado de Edgard Santos, nos anos cinquenta do século XX.

Antes de Esmeralda, a Faculdade de Direito possuía coleções de livros sem tratamento técnico e sem que os alunos a eles tivessem acesso. Ela começou por montar uma pequena biblioteca com livros novos adquiridos. Ao mesmo tempo, atualizava com resistências o velho acervo acumulado de anos, contando sempre com o apoio do diretor Orlando Gomes. O seu trabalho técnico e operoso foi uma inovação que logo atraiu a atenção de alunos e professores.

Sob sua liderança, a Faculdade passou realmente a contar com uma biblioteca e com os serviços bibliotecários.



Modernizou por completo o acervo até então existente e o colocou à disposição dos alunos. Tudo começou por volta de 1956 quando me encontrava no segundo ano do curso jurídico e pude assim acompanhar a sua iniciativa. Com a mudança da Faculdade para a nova sede, no Canela, em 1961, a biblioteca foi instalada em espaço adequado.

Contando com a experiência anterior do magistério, Esmeralda, pacientemente, ensinava como fazer citações, referências, notas bibliográficas e opinava sobre o formato das publicações. Fui um dos beneficiados do seu conhecimento e muito aprendi com ela. Para mim, foi uma novidade e foi também o início da aprendizagem em pesquisa bibliográfica. E, pelas referências bibliográficas, fui aprendendo a trabalhar com livros e documentos. Lembrome, perfeitamente, que quando escrevi o meu primeiro livro, *Introdução ao enquadramento sindical*, publicado em 1963 e que serviu como monografia para o ingresso no Instituto dos Advogados da Bahia, Esmeralda fez a revisão bibliográfica. Acostumei-me a consultá-la sempre que tenho dúvidas na confecção de referências ou na organização de texto, como fizemos com o material coletado quando do cinquentenário da Universidade Federal da Bahia, em 1996. Não faz muito, solicitei a sua assessoria para a formatação da Revista da Academia Baiana de Educação, que prontamente atendeu.

Com a prática do trabalho com livros, periódicos e documentos, iniciada com Esmeralda, fui em frente com a pesquisa bibliográfica e documental, o que foi de suma importância para a minha formação de pesquisador. Sempre

|| |

|| |



digo aos meus alunos de metodologia da pesquisa que toda investigação científica começa com a exata citação e a correta referência para a confecção de fichários e referências, conforme os requisitos da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Em uma palavra, essas normas fazem a mobília da mente.

Na direção da Biblioteca da Faculdade de Direito da Ufba, além do trabalho técnico e de atendimento aos usuários, máxime alunos e professores, Esmeralda desenvolveu projetos de investigação científica aplicada ao direito, permitindo a elaboração de bibliografias especializadas e de professores. Dentre as várias publicações por ela coordenadas, destaca-se *Contribuição à bibliografia jurídica nacional pelos professores da Faculdade de Direito da Ufba: 1891-1975*. Toma por base a produção acadêmica de cada docente contendo: notícia sobre o autor, atividades profissionais, relação de publicações em livros, teses, artigos de periódicos e opúsculos.

Com o tempo, fui decantando ao longo da minha vida acadêmica a metodologia bibliográfica. Quando fiz o doutorado em Educação, na Universidade do Estado da Pennsylvania, pude ampliar conhecimentos e práticas nos manuais de estilo, como o da Universidade de Chicago. Interessei-me bastante pelos Estudos Bibliotecários (*Library Studies*). O como deve ser usada a biblioteca será importante fator para a efetivação dos objetivos dos cursos, pois existe uma estreita correlação entre a utilização dos serviços bibliotecários e o rendimento do aluno.

Com esta palavra introdutória, expresso o meu reconhecimento à mui querida colega da UFBA, e os meus





parabéns a Ângela Maria Barreto e a Maria Isabel de Jesus
Sousa Barreira, organizadoras desta memória. Bem haja.

Salvador, Natal de 2008.

Edivaldo M. Boaventura

Professor emérito da Universidade Federal da Bahia

APRESENTAÇÃO

A ETERNA MESTRA DO AMOR AOS LIVROS

Conheço Esmeralda Aragão há mais de 50 anos. Não estou em condições de recordar datas, mas a revejo ao lado de minha prima Denise Fernandes Tavares nas primeiras atuações da Sociedade Unificadora de Professores Primários (SUPP) por melhores salários e condições de trabalho. Esmeralda e Denise eram muito jovens e bonitas, Esmeralda diplomada professora pelo Instituto Normal da Bahia (1942) e Denise, pela Escola Normal de Nazaré (1943). Tinham feito concurso para professor, foram nomeadas e lecionavam em escolas públicas.

Conheceram-se na SUPP. Eram os dois anos finais da ditadura Vargas, o mundo em guerra, soldados brasileiros na Itália, ao lado do exército norte-americano. A SUPP surgira para organizar a luta pelos direitos dos professores, mas somava com a luta pela anistia de todos os presos e deportados políticos e pelo regime democrático no Brasil. Contudo, não demorou muito para Esmeralda e Denise deixarem a agitação política e se decidirem por suas vocações.



Era o ano de 1946. Havia um sorriso de democracia no Brasil. Realizaram-se eleições para presidente da República – foi eleito o general Eurico Gaspar Dutra – e para a Câmara Federal e o Senado Federal, logo transformados, pelos deputados e senadores eleitos, em Assembléia Constituinte destinada a discutir e votar uma nova Constituição para o Brasil. Essa constituinte encontrou resistência em militares de alta patente, no exemplo do general Alcio Souto, mas se manteve firme e votou a Constituição de 1946.

Ocorreram eleições em 1947 para governadores dos estados, sendo eleito na Bahia o político liberal Octavio Mangabeira. Ele convidou o educador Anísio Teixeira para ocupar a Secretaria da Educação e Saúde.

Anísio Teixeira na Secretaria da Educação significou novos caminhos para Esmeralda e Denise. Primeiro, porque o grande educador ampliou o pequeno quadro educacional baiano logo em seguida à sua nomeação. Criou novas escolas primárias e novos ginásios e colégios de ensino médio. Numa Cidade do Salvador em tímida expansão urbana, o educador Anísio Teixeira colocou ginásios e colégios nos bairros de Nazaré, da Liberdade e de Ribeira. Ainda nos finais do governo, Mangabeira fundou ginásios e colégios nos bairros de Brotas e do Garcia e lançou a idéia maior do Centro Educacional Carneiro Ribeiro disposto em escola-classe e escola-parque.

O educador não descansou com a criação de novas escolas, ginásios e colégios. Quase ao tempo em que os inaugurou na capital e no interior da Bahia, Anísio Teixeira abria a Biblioteca Central da Educação, no Corredor da Vitória, bem defronte do prédio histórico que abrigava a Secretaria

da Educação e Saúde. Também inaugurou o curso para formar bibliotecário. Foi nessa altura que Esmeralda Aragão e Denise Tavares diversificaram os seus futuros. Denise elegeu criar uma biblioteca infantil. Esmeralda preferiu estudar para cuidar de livros.

Esmeralda Aragão foi professora de escola primária durante 13 anos. Em 1949 fez o curso criado por Anísio Teixeira para professores dedicados às bibliotecas nas escolas públicas. Era a situação de Esmeralda Aragão na Escola Maria Quitéria. No passo seguinte tornou-se mais bibliotecária do que professora. Foi quando ela ingressou no curso de Biblioteconomia e Documentação criado na Universidade da Bahia por iniciativa do reitor Edgard Santos e apoio de Anísio Teixeira.

Estava no penúltimo ano desse curso, quando Jorge Calmon fundou na Faculdade de Filosofia o curso de jornalismo, que o reitor Edgard Santos incorporou à Universidade Federal da Bahia (Ufba). Era o primeiro curso universitário para formação de jornalista na Bahia, hoje com centenas de diplomados. Esmeralda Aragão reconheceu, no entanto, que a sua vida eram os livros. Retornou para a Escola de Biblioteconomia, onde se diplomou e não demorou a ser uma das suas professoras mais estimadas por sua eficiência e conhecimentos.

Destaco aqui que Esmeralda Aragão criou a biblioteca da Faculdade de Direito quando esta pioneira escola tornou-se parte inseparável da Universidade Federal da Bahia e se instalou no belo edifício do campus do Canela. Sou testemunha do quanto lhe custou de horas e horas de trabalho para dar



vida universitária a milhares de livros indispensáveis para a formação dos profissionais de direito. Dizia-se “a biblioteca de Esmeralda”, justiça à sua eficiência e dedicação. Um pouco depois, Esmeralda tornou-se indispensável à Escola de Biblioteconomia. Deixou a biblioteca da Faculdade de Direito e foi transmitir os seus conhecimentos aos alunos e alunas que iam cuidar da organização e manutenção de bibliotecas. E ora! Não apenas das bibliotecas da Ufba. Acrescente-se que Esmeralda Aragão e Maria José Rabelo de Freitas organizaram a biblioteca de Jorge Amado. Merece igual destaque a presença de Esmeralda no projeto do saudoso professor Fernando Luís da Fonseca para incluir a cidade da Cachoeira nas preocupações culturais da Universidade Federal da Bahia. Até hoje Esmeralda se emociona ao se referir a esse projeto bastante conhecido com a instalação da Biblioteca Simões Filho naquela cidade. Sucedeu o mesmo na instalação de bibliotecas em Jacobina, Feira de Santana e Tanquinho. Com igual sentimento e admiração destaco a dedicação de Esmeralda Aragão à valiosa biblioteca do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.

Como é evidente, não faço a biografia de Esmeralda Aragão. Faço a sua louvação como ser humano de muitas qualidades, dentre as quais saliento a inteligência, a vivacidade e sua maneira especial de ser e de viver, colega amiga e solidária, mestra sensível na descoberta e afirmativa de alunos e alunas aos quais transmitiu o seu inesgotável amor aos livros.

Salvador, 25.10.2008
Luiz Henrique Tavares

INTRODUÇÃO

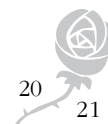
Tecer lembranças, tecer nas lembranças daqueles que foram testemunhas de uma época, de um lugar. Tecê-las e desdobrá-las para a compreensão da experiência de um tempo que, ainda vivo, sustenta e dá forças aos tempos hodiernos.

Está se falando das lembranças de uma nobre mulher, de uma profissional, de seu trabalho que marcou, profundamente, a história da Biblioteconomia no Brasil, por meio de ações profissionais na Terra de Todos os Santos.

Esmeralda Aragão, nome de pedra preciosa, caráter de rocha, mente de brilho que, ainda hoje, ilumina os ideais de uma comunidade inteira de profissionais que desejam atuar, socialmente, na democratização da informação.

Não poderíamos encontrar melhor momento para esta homenagem do que o do aniversário de 10 anos do Instituto de Ciência da Informação, desdobramento e continuidade da antiga Escola de Biblioteconomia da Bahia.

Que expressão obteve esta Escola! Teve seu início em 1942, por meio do entusiasmo da engenheira Bernadette Sinay Neves, que trouxe, de um curso no Rio de Janeiro, ideais novos para serem implantados na Bahia. Semeados, esses ideais encontraram guarida e sorte no cultivo de mãos e mentes



habilidosas, as de Felisbela Liberato Carvalho de Matos, Oswaldo Imbassahy da Silva e Maria José das Mercês Passos. As sementes foram fertilizadas, frutificaram e ainda frutificam.

A esse respeito, o Prof. Cid Teixeira fala no prefácio do Livro *Cinquentenário da Escola de Biblioteconomia e Documentação*, coordenado por Esmeralda Aragão e Dinorá Luna de Assis Quaresma:

A presença da Escola de Biblioteconomia e Documentação, além de estar marcada pela total modificação dos hábitos livrescos, além da implantação da mentalidade profissional em lidar com papéis impressos e manuscritos, além da abertura de mercado da mais alta valia para mão de obra especializada, ainda pode ser assinalada no próprio âmbito da Universidade Federal da Bahia com duas iniciativas de especial relevo: a transformação do primitivo SCIB em Biblioteca Central, matriz de todo o trabalho de recuperação das bibliotecas setoriais das unidades e – ressalta-se a importância histórica – a recuperação do acervo que constitui Memorial de Medicina, trabalho que, muito mais do que a simples salvação do material da ciência de curar, guardou o acervo do pensamento baiano ao tempo em que a Escola do Terreiro de Jesus era o grande fórum do pensamento universitário do Brasil. (1992, p. 11).

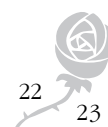
Ao homenagearmos Esmeralda Aragão, recuperamos e registramos a história de sua vida, seus feitos profissionais. Temos, assim, a consciência de estar registrando a grandeza do Instituto de Ciência da Informação e sua importância para o Estado da Bahia e para o Brasil.

Em face das comemorações dos 10 anos de existência do ICI, resgatamos parte da memória de Esmeralda Aragão, pela sua luta incansável e sua efetiva colaboração na Escola de Biblioteconomia da Bahia, embrião do Instituto de Ciência da Informação. Esmeralda é parte significativa da trajetória do ICI e o ICI, quando EBD, é parte de Esmeralda Aragão. Breve e resumidamente, a história do ICI nos é contada na apresentação da página do ICI (www.ici.ufba.br) na internet:

O Instituto de Ciência da Informação foi criado pela Resolução nº 07, de 12 de março de 1998, do Conselho Universitário, com o desafio de oferecer respostas às questões emergentes sobre Informação, como ramo do conhecimento, contribuindo com estudos e pesquisas sobre o assunto e formando pessoal para atender à demanda da sociedade pela formação de profissionais alinhados com as visões, conceitos e papel proeminente que a informação alcançou como elemento agregador de valor econômico e fator de desenvolvimento organizacional e social, a partir do século passado.

Neste sentido, o ICI consolidou e ampliou a estrutura e a lógica que vinha sendo concebida, com a reformulação do Curso de Biblioteconomia em 1996, a criação do curso de Arquivologia em 1998 e a implantação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, também nesse mesmo ano.

Os estudos sobre Informação na Bahia tiveram início com a criação do Curso de Biblioteconomia, em 12 de março de 1942; em 1948, é instituída a Escola de Biblioteconomia da Bahia, para abrigar o curso e, em 1954, essa unidade integra-se à Universidade da Bahia e federaliza-se juntamente com a Universidade.



Desde o início, foi marcante a contribuição da EBD na formação de uma mentalidade profissional no campo do tratamento e da difusão do conhecimento, o que veio a favorecer o surgimento de novos e modernos arquivos e bibliotecas, a adequação e a qualidade da prestação de serviços de informação à comunidade, bem como o incentivo à criação e ao desenvolvimento de políticas para a preservação de acervos e da memória local e nacional.

A persistência, idealismo e, sobretudo, o entusiasmo dos fundadores foram sementes que frutificaram, ao longo do tempo, em realizações importantes, tal como a implantação do Serviço Central de Informação Bibliográfica, embrião da atual Biblioteca Central da UFBA.

Este Instituto teve seu alicerce no trabalho de professora Esmeralda Aragão. Daí são importantes suas lembranças.

Mais do que um acervo de lembranças, resultante de um acúmulo de vivências, buscamos nos relatos de Esmeralda e de alguns de seus contemporâneos, experiências passadas que se tornam presentes para atender as nossas necessidades de agora. Memória não é passado. Memória mantém a organicidade da cultura. Mantém, transforma e continua, num processo dialético com o homem.

As referências oferecidas por Esmeralda Aragão são constituídas pelas referências dadas por seu grupo de contemporâneos. Por isso, são importantes a os entrecruzamentos das falas.

Claro! As lembranças são de Esmeralda Aragão, mas não são só dela, são de todos nós, os profissionais da informação. Dela é apenas a maneira singular com que tece suas

reminiscências. Daí a importância social deste trabalho de memória, a reconstrução de uma memória coletiva da classe dos profissionais da informação, dos bibliotecários, arquivistas e documentalistas. Não existe uma memória profissional exclusiva. Ela é como o indivíduo se vê no mundo.

Tecer memória é como tecer fios em rocas, fios que se enroscam, formam-se, transformam-se, num ziguezague intenso e permanente, a dar sustentação à espécie humana.

Uma trajetória de vida não pode ser considerada linear, é circundante, espiralada, entremeada, orgânica. Por isso, ao cotejar as lembranças de Esmeralda Aragão com as de alguns de seus contemporâneos, colegas, amigos, pensamos produzir teias de significação para um tempo que se foi e para uma área que se impõe nesta nova Sociedade da Informação.

Esmeralda foi tecendo suas memórias em cada visita que a ela fizemos. Deixamos a entrevistada livre para falar, mas, às vezes, oferecíamos um tema para ela discorrer. Para não perder a riqueza dos detalhes, os encontros foram filmados e gravados mediante seu consentimento.

Suas memórias foram transcritas e retecidas neste texto que, esperamos, traga alegria aos leitores, testemunhe uma bela história de vida e registre, além das lembranças, nosso eterno afeto por Esmeralda Aragão.

Penélope, do mito de Ulisses, tecia enquanto aguardava pelo destino. Esmeralda não aguardou, fez seu próprio caminho, apenas se doou ao trabalho e à causa da Biblioteconomia. Entregou-se ao servir. Amou, lutou com suas forças e sentimentos, com responsabilidade e tenacidade e pôs em andamento sua história, para a qual propomos este



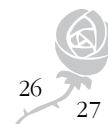
olhar. A história de uma profissional que se entrelaça com a
de outros personagens da milenar profissão do bibliotecário.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL A PARTIR DAS MEMÓRIAS INDIVIDUAIS

Memória interliga-se à informação e ao conhecimento, ao afeto e ao sentimento, ao individual e ao coletivo.

Aristóteles (apud ABBAGNANO, 2003, p.175), que compreende o conhecimento pela articulação das faculdades sensível e intelectual, fala em graus de conhecimento, sendo a memória um deles e resultado da convergência entre percepção e imaginação. O filósofo concebe o conhecimento como potencial em formação, que se configura e enriquece pelo acúmulo de informações.

Ao refletirmos sobre a memória coletiva, no caso, a partir da memória individual de Esmeralda Aragão, somos levados a considerá-la na interação sujeito-cultura, o que a amplia e atribui certo dinamismo à sua época. Assim, a reconstrução das experiências passadas é a forma encontrada para pensarmos em nós mesmos, os profissionais da Informação, confrontando, por meio da sua relação, a experiência de hoje com as do passado.



Há equivalência de sentidos entre a memória pessoal e a social. Ambas são unidades na transmissão, garantindo a reprodutividade, uma da espécie e a outra da civilização.

Memória tem função social, comunicativa. Decifra o que somos hoje, o que já não somos mais. O sentido de memória se estende para além da conservação de informações, aponta para certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas, já que é essa uma das formas encontradas pela sociedade para pensar em si própria, por meio da sua relação com o passado. Memória não deve ser vista como hábito de repetir imagens, mas como fenômeno inconsciente que se torna útil à necessidade presente, que assegura a reprodução e a transformação dos comportamentos em sociedade, fundando-se no comportamento narrativo, próprio da espécie humana e caracterizando-se como função social, de origem comunicativa. Nora (1993) fala do lugar da memória, no coração das identidades individuais.

A memória tem a ver com identidade, com pertença, com o fluir da vida social. Portanto, é menos um mecanismo de recepção e armazenamento de experiências e mais um processo dinâmico e interativo, que se desenrola no cotidiano do homem social, por meio do processo comunicacional. Nessa interação, preenche-se o espaço entre a realidade objetiva e a subjetividade. Nesse movimento, ocorre um diálogo entre símbolos que fazem parte da cultura de muitos sujeitos, levando-os a expressar como se percebem, como participam da cultura e como se constroem em suas identidades.

Le Goff (1990, p. 426) vai nos lembrar que “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os

problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.”

O que se sabe é que memória é resultado dos entrelaçamentos das experiências de um tempo vivido e que o “transmitimos para que o que vivemos, cremos e pensamos não venha a morrer conosco” (DEBRAY, 2000, p.16), pelo puro desejo de imortalidade.

Não. Não é fácil conceituar memória, mas é possível pontuar-lhe alguns atributos, contar um pouco de sua história.

Se quisermos adentrar na história da memória, podemos buscar subsídios em Le Goff (1990, p. 423-483). O autor nos conta, que num período predominante da memória oral, antes da escrita, o tempo fora guardado pela memória organizada e garantida pelos grupos, pelos especialistas da memória. Nas sociedades sem escrita, existiram os chamados “homens – memória”, ou seja, os próprios guardiões da história objetiva e ideológica, cujo papel era o de manter a coesão dos grupos. Eram eles idosos chefes de família, bardos ou sacerdotes (LEROI-GOURHAN, 1981, p. 66). Nessas sociedades, a memória coletiva mantinha-se em três pilares: idade coletiva do grupo, prestígio das famílias dominantes e saber técnico ligado à magia religiosa. A memória era transmitida pelo aprendizado. Não era uma memorização de palavra por palavra, um produto de rememoração exata, mas uma evocação inexata. Diferente do que se veria mais tarde, nessa sociedade não havia procedimentos mnemotécnicos. Para eles, bastava a transmissão de conhecimentos secretos e a vontade de uma memória menos repetitiva e mais criativa.



Depois, há uma época em que a memória escrita ou figurada tem função específica, pois o aparecimento da escrita faz surgir grandes transformações na memória coletiva, com duas possibilidades de memória. A primeira, sob a forma de inscrição. Forte exemplo é a celebração de acontecimentos por meio de monumentos comemorativos, estelas e obeliscos em homenagens aos feitos de reis e monarcas, acompanhadas ou não de inscrições. As vitórias e as lutas podiam ser lembradas por representações figuradas e inscrições. A segunda mudança significativa, sem dúvida, refere-se ao documento escrito, que também tinha o caráter de monumento. O documento escrito aparece com muitas funções, das quais “uma é o armazenamento de informações que permite comunicar-se através do tempo e espaço.” (GOODY apud LE GOFF, 1990, p. 433). Curioso é o aparecimento do *mnemon*, pessoa que guarda a lembrança do passado com vista a uma decisão judicial. A função social da memória inscreve-se na área do Direito. Essas memórias vivas, posteriormente, transformam-se em profissionais arquivistas, e têm em *Thot*, deus egípcio, seu patrono.

A escrita consolidou-se como meio de memória. Para o filósofo Platão [Fedro em Sócrates, 274c-275b], a escrita enfraqueceria a memória, pois o homem deixaria de exercitá-la, por confiar nos registros da escrita. O homem conspiraria a dádiva de Mnemósine, a mãe das musas que nos permite guardar as impressões na alma.

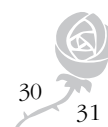
Na Idade Média, a memória sofre outra grande transformação. Passa a ser essencialmente para a difusão cristã. Trata-se da cristianização da memória e o catolicismo é a religião da recordação. Memória dos Livros Sagrados, dos

santos, dos túmulos dos santos e papas denominados memorial e dos livros de memória, necrológios ou obituários, nos quais se evocam os nomes dos benfeitores da Igreja. O costume dos ex-votos vem garantir a lembrança do milagre realizado ou da graça alcançada.

O cotidiano cristão medieval vive na memória da palavra de Jesus. Vem, da época, a contribuição de Santo Agostinho à retórica, acrescentando à arte antiga o componente da memória, trazida pelas imagens da alma. Aliás, para o santo, a memória é um dos poderes da alma, junto com a inteligência e a providência. O escrito desenvolve -se paralelamente ao oral e há equilíbrio entre memória oral e escrita. Mais tarde, os homens passam a dispor de novas formas de preservar o tempo e, com o impresso, dá-se a expansão da memória. Leroi-Gourhan (apud LE GOFF, 1990, p. 457) posiciona-se a respeito, mostrando que

[...] até o aparecimento da imprensa dificilmente se distinguiu entre a transmissão oral e a transmissão escrita. A massa do conhecido está mergulhada nas práticas orais e nas técnicas; a área culminante do saber, como um quadro imutável, desde a Antigüidade, é fixada no manuscrito para ser aprendida de cor [...] Com o impresso [...] não só o leitor é colocado em presença de uma memória coletiva enorme, cuja matéria não é capaz de fixar integralmente, mas é freqüentemente colocado em situação de explorar textos novos.

Assiste-se, então, à exteriorização progressiva da memória individual. É do exterior que se faz o trabalho de orientação que está expresso na escrita.



— | | | | —

— | | | | —

Não só a memória coletiva se altera, mas a condição humana vista sob o prisma da inteligência e da racionalidade. É a revolução da imprensa que marca o enfraquecimento da “arte da memória”, tão valorizada pela escolástica, e que vai perdendo força no movimento humanístico que caracteriza a Idade Moderna. O movimento científico inaugura a hegemonia do escrito e, com isto, aparece um tipo específico de sociedade, a sociedade leitora. Segundo Lajolo e Zilberman (1996, p.14), a sociedade leitora é um fenômeno que principia na Europa, aproximadamente, no século XVIII, quando convergem fatores que vinham tendo desdobramento autônomo. Nessa época, a impressão de obras escritas deixa de ser um trabalho quase artesanal, exercido por hábeis tipógrafos e gerenciado pelo Estado, que, por meio de alvarás e decretos, faculta ou não o aparecimento de livros.

Daí em diante, a primazia do escrito supera o próprio poder vigente. Desde o século XV cria-se o mito da importância da palavra escrita, a possibilidade de que o mundo pode ser lido.

No alargamento da memória coletiva, tem seu papel decisivo o aparecimento das enciclopédias de toda espécie e que são publicadas para usos diversos. Realiza-se o grande sonho de reunir todo o conhecimento num único documento.

Os estoques de memória se expandem e para se fazerem sentidos precisam ser refeitos incessantemente, com a ajuda de elos vivos e pela tarefa da mediação da informação, responsável pela construção do conhecimento. De acordo com Barreto (2007), esse papel fica a cargo das instituições de memória e de seus profissionais que, com seus instrumentos

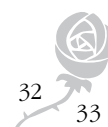
de armazenagem, processamento e disseminação da informação, organizam a informação e permitem sua difusão em variados modos: textos, imagens, sons, etc., meios que traçam signos e abrem vias para a passagem do conhecimento, organizando sua materialidade. Afinal, os estoques de memória não se depositam por si mesmos.

A partir do século XVIII, são criadas e expandidas muitas instituições de memória, os depósitos centrais de arquivo. Como exemplo tem-se a Casa de Savóia, em Turim, e as de São Petersburgo, em 1720, Maria Teresa, em Viena, em 1749. Percebe-se que, após a Revolução Francesa, que representa um marco para a memória, as instituições de memória são convidadas a expandir-se. Na França, ocorre a criação dos Arquivos Nacionais, em 1790; em 1838, surge o Public Record Office, em Londres, bem como a abertura do arquivo secreto do Vaticano.

São instituições que inauguram uma nova fase na história, disponibilizando documentos da memória nacional.

Além dos Arquivos, são criados e abertos museus para visitação pública, o Louvre, em 1750-1773, o de Cassel, em 1779, o Clementino, no Vaticano, em 1773, o Prado, em Madri, em 1785, o de Berlim, em 1830, para citar alguns.

Muitas bibliotecas universitárias, públicas, especializadas iniciam novos modos de organização do conhecimento. Essas bibliotecas também conhecem o desenvolvimento da época. Em 1731, a Biblioteca de Associações, na Filadélfia, criada por Benjamin Franklin torna-se bem conhecida pelos serviços prestados à comunidades. Além das instituições de memória, os monumentos reacendem suas expressões, por assinalarem



acontecimentos e feitos históricos. As construções artísticas em memória aos mortos aparecem com força na sociedade moderna.

O surgimento da fotografia é um acontecimento que revoluciona a memória social, por permitir “guardar o tempo.” Outros suportes de registros da memória vem, cada qual a seu modo, integrar-se à trajetória da humanidade, sugerindo formas de se armazenar, tratar e disseminar a memória social. Quanto a essa questão, Le Goff (1990, p. 427) propõe cinco períodos da memória: o da transmissão oral, o da transmissão da escrita com tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica.

Assim, cada época recorre aos meios técnicos de registro e transmissão da experiência social como forma de divulgar e fixar a herança humana.

A partir de 1950, acontece uma verdadeira revolução na memória e começa-se a falar de uma memória eletrônica. Uma nova configuração social põe em andamento a sociedade contemporânea.

A microeletrônica, computação e telecomunicações impulsionam o aparecimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs). Estas contribuem para a geração de novos conhecimentos e criam dispositivos de processamento da comunicação/informação em ciclo cumulativo entre a inovação e seu uso (CASTELLS, 1999). Obviamente, essa inovação tecnológica não ocorre de modo isolado. Vários acontecimentos históricos na área da ciência e da tecnologia a engendram. Os avanços tecnológicos trouxeram imensas contribuições aos processos de comunicação, acelerando o



fluxo das informações, possibilitando-lhes a simultaneidade. No entanto, por ser uma sociedade que rompe com a continuidade dos vínculos de espaço e tempo, modifica, radicalmente, a configuração social. Ianni (1997) trata isso como deslocamentos e Giddens (apud KEMP, 2003), como desencaixes.

Veem-se intensas modificações na esfera da cultura. Os novos processos comunicacionais, além de acelerar o acesso às informações, permitem novas trocas de experiências e relacionamentos no mundo dos negócios, da política, do lazer e da própria relação entre pessoas. Surge um novo momento da cultura, que Lévy (1993) chamou de Cibercultura, cujas alterações sociais provocam revoluções em todas as dimensões da existência. Trata-se de uma questão de mudança de paradigma.

Sabe-se que a memória liga-se à cultura e imuniza o organismo coletivo contra a desordem da agressão. Ela é uma espécie de guardiã da integridade de um “nós”, que garante a sobrevivência de um grupo pela partilha entre indivíduos que são comuns. Dessa maneira, opera como organismo, para fazer passar de ontem para hoje o *corpus* de conhecimentos, valores ou experiências que consolidam a identidade de um grupo. Sobre ela, diz Debray (2000, p.19): “transmite-se o fogo sagrado, o capital cultural ou simbólico, o patrimônio, o que deve assimilar o trigo que leveda para que o pão conserve seu gosto.”

A memória permite a reconstituição de experiências de maneira distinta do fluxo das vivências, o que ocorre a partir da localização e temporalização que o grupo define. É nesse





sentido que o passado não é conservado pela evocação das lembranças, mas reconstruído numa dimensão presente. A memória costura, tece o passado no presente, compondo tramas e enlaçando-se em novas possibilidades existenciais.

Mas não é tudo que toma corpo como memória. Muitas experiências permanecem abstratas, outras persistem como imagens e algumas, sim, podem ser vivificadas como memória.

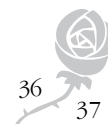
Precisávamos dar corpo, vivificar a memória de Esmeralda Aragão. Precisávamos de sua experiência, de suas referências, para que nossa área profissional tivesse consistência, vitalidade. A vida de Esmeralda Aragão encontra-se no âmago da experiência de construção social, armazenamento, organização, preservação e disseminação do conhecimento de sua geração. É parte da constituição histórica de uma profissão milenar, para a qual outros expoentes contribuíram em tempos distintos, a fim de torná-la uma área do conhecimento, cuja responsabilidade social ultrapassa o mero tratamento técnico dos saberes produzidos pela humanidade ao longo de sua história.

DA BIBLIOTECONOMIA À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A história da Biblioteconomia evidencia, desde tempos remotos, a preocupação do homem quanto à sistematização do conhecimento acumulado pela sociedade humana, como demonstram os achados arqueológicos, em que se constata a existência de documentos organizados no terceiro milênio a.C., conforme demonstra Ortega (2004), ao descrever a coleção de tábuas de argila compostas de textos administrativos, literários e científicos encontrados na biblioteca de Ebla, na Síria.

Na Idade Antiga, a organização dos acervos encontrados na biblioteca de Assurbanipal, rei da Síria e, posteriormente, na Alexandria, denota características que acompanham a profissão até os dias atuais. Dois importantes conceitos se tornaram desde então os pilares da Biblioteconomia: a organização e a preservação do saber produzido por determinada sociedade, reunido em espaços apropriados, para uso posterior. É o prenúncio da criação de mecanismos de recuperação da informação (WITTY apud KOBASHI, 1996).

Na Antiguidade, guardar o conhecimento registrado significava preservar a cultura de um povo, mas também



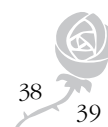
denotava utilizá-lo como instrumento de manutenção do poder institucionalizado. É comum observar-se que as instituições guardiãs da memória escrita estavam então atreladas a uma ordem dominante, seja ela estatal ou religiosa.

Na Idade Média, a ampliação dos espaços de guarda de documentos ligados a ordens religiosas, bem como a fundação de bibliotecas nas universidades européias impulsionou o aprimoramento e a criação de recursos para viabilizar o acesso à informação custodiada nessas instituições coletivas. É certo que o aprimoramento da tecnologia da impressão por Gutenberg, no século XV, foi o grande divisor no processo de organização, preservação e divulgação de coleções. O acesso ao documento impresso promoveu mudança significativa no processamento da informação registrada e na práxis biblioteconômica.

É compreensível imaginar que a ordenação e a guarda do conjunto desses saberes produzidos, admitia da existência de alguém capaz de organizá-lo de modo que a informação fosse encontrada no momento desejado. A esse profissional chamou-se bibliotecário. Com o aumento da produção documental, o trabalhador da biblioteca deixa de ser um zelador da memória escrita e passa a assumir outras atividades. As demandas oriundas de um público mais diversificado, em razão da realidade que se configura a partir das universidades e de uma população que começa a ser alfabetizada em toda a Europa, propiciam novos contornos à profissão. Nesse contexto, biblioteca e bibliotecários passam a ter uma visibilidade pública nunca vista anteriormente (ORTEGA, 2004).

É na Idade Moderna que grandes transformações influenciam o formato da Biblioteconomia medieval, especialmente a partir do nascimento da biblioteca pública moderna no século XVII, na Europa e nos Estados Unidos. Com o desafio de atender o grande público, a biblioteca moderna incorpora novas concepções fundamentais para o desenvolvimento de técnicas voltadas à organização dos acervos, visando a facilitar o acesso à informação desejada pelo usuário.

Entre os séculos XV e XVIII, surgem as primeiras bibliografias, expressas nas obras do alemão Konrad Gesner e do suíço Johann Trithem, seguidas da produção de catálogos de bibliotecas particulares e bibliografias especializadas (ORTEGA, 2004). É na segunda metade do século XVIII que o processamento técnico ganha impulso, com a criação do primeiro código nacional de catalogação e o uso de catálogos em fichas na França. Entretanto, o século XIX marca efetivamente a sistematização das técnicas e práticas biblioteconômicas, conforme salienta Lahary (1997 apud ORTEGA 2004). Alguns fatos são relevantes para a concretização dessas práticas: a publicação das regras que estabeleciam as bases da catalogação, em 1841, por Anthony Panizzi, na Inglaterra; a publicação do Código de Classificação de Dewey; e a edição das regras do Catálogo Dicionário de Charles Cutter, nos Estados Unidos, em 1876, além da elaboração das Instruções Prussianas, em 1899, fruto de estudos realizados sobre as catalogações anteriores, adotadas na Alemanha e bem aceitas em toda a Europa.



Os esforços empreendidos na construção de práticas capazes de facilitar a organização do conhecimento, aos poucos foram, sendo aprimorados. A preocupação em registrar esse conhecimento foi sentida por Leopold August Constantin Hesse, livreiro e bibliófilo, ainda em 1839. A ele é creditado o termo Biblioteconomia, como substantivo que designa a área do conhecimento que trata da organização da informação, da conservação das coleções e do gerenciamento do acervo e do espaço biblioteca.

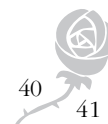
A busca incessante para compreender as múltiplas facetas que envolvem o processo de organização e disseminação do conhecimento fez com que Gabriel Naudé, em 1927, delineasse os primeiros princípios da moderna Biblioteconomia (ORTEGA, 2004). Foi uma valiosa contribuição no que se refere ao acesso e ao compartilhamento do saber socialmente acumulado em biblioteca e centros de documentação e informação, ao traçar o método de levantamento de referências bibliográficas existentes no acervo, a fim de possibilitar ao pesquisador a certeza de maior cobertura do assunto investigado, facilitando, com isso, o processo de recuperação da informação no ato da pesquisa bibliográfica.

Foi lento o desenvolvimento das técnicas biblioteconômicas, porém progressivo. Ele se dá em razão das necessidades informacionais apresentadas pela crescente produção editorial. A diversidade do material impresso, dos tipos de bibliotecas e do público usuário determinou o repensar dos procedimentos relacionados à disseminação do conhecimento registrado, até então utilizados pelos profissionais da Biblioteconomia. Os instrumentos criados para a ordenação de livros nas estantes

já não atendiam, satisfatoriamente, à organização de outros materiais e, paulatinamente, foram aprimorados, à medida que as publicações periódicas se expandiam como veículos de divulgação da crescente pesquisa científica. A especialização da ciência reforça a necessidade de se encontrarem caminhos que possibilitem o acesso à informação, fazendo com que os profissionais da Biblioteconomia se organizem, de modo a elaborar novos instrumentos que atendam as necessidades específicas dos diferentes usuários.

Um aspecto que se evidencia no processo de construção identitária da profissão bibliotecária em seu percurso é que, apesar do aprimoramento gradual das técnicas de processamento da informação, a prática cotidiana de outrora demonstrava que alguns procedimentos técnicos adotados para tratamento de livros não contemplavam a diversidade documental gerada pela evolução técnico-científica do século XIX. Diante dessa insatisfação, profissionais de diferentes instituições científicas buscavam criar alternativas capazes de atender às necessidades geradas por esse novo público usuário de informação. A busca por soluções direcionadas ao tratamento e recuperação de determinados tipos de documento fez surgir um novo grupo de profissionais, muitos deles dissidentes da Biblioteconomia tradicional, que objetivava criar mecanismos que não apenas facilitassem a organização da informação registrada, mas, sobretudo, possibilitassem novas formas de acesso e recuperação desse novo manancial de informações.

Desse movimento nasce, na segunda metade do século XIX, a Documentação, disciplina que se pretendia diferenciada



da Biblioteconomia, por voltar seu olhar para a produção informacional que se avolumava com o crescimento da ciência desse período. Nesse percurso, Paul Otlet e Henry de La Fontaine são reconhecidos, na literatura, como os precursores da moderna Documentação, pelo pioneirismo no tratamento e organização bibliográfica da produção científica. É deles a iniciativa da I Conferência Internacional de Bibliografia, em Bruxelas, que resultou na criação de um organismo internacional, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), destinado a prestar serviços de acesso à informação especializada, a partir da cooperação estabelecida entre as bibliotecas científicas existentes.

No que tange ao processamento técnico da informação, a Documentação toma como base as técnicas biblioteconômicas, aprimora-as em função da aplicabilidade das necessidades provenientes de um usuário especializado, num processo de refinamento constante para tratar a informação especializada.

Tal preocupação resultou na criação da American Library Association (ALA), nos EUA, ainda no século XIX, com a pretensão de somar esforços no sentido de buscar caminhos para o tratamento da informação apresentada nos diferentes suportes. Entretanto, o que inicialmente parecia solução, resultou na cisão entre bibliotecários: de um lado, ficaram aqueles com dificuldade de compreender o novo contexto da informação que se anunciava, voltado ao atendimento da política norte-americana de dinamização das bibliotecas públicas, como aparelho de formação educacional das massas e da socialização da cultura; e de outro lado, ficaram os profissionais insatisfeitos com a utilização de práticas únicas

para tratar a diversidade informacional proporcionada pela especialização da ciência moderna. A dualidade existente dividiu os bibliotecários em grupos distintos: os especialistas em documentação científica (documentalistas) e os interessados na prática tradicional da Biblioteconomia, direcionada à função educativa geral, proposta pela biblioteca pública americana.

O panorama geral da história da Biblioteconomia é então marcado pelo exercício de práticas de organização do conhecimento que, dependendo do contexto, variavam de acordo com os objetivos propostos pelos grupos dominantes. A princípio, ocorre enclausuramento do conhecimento como símbolo de poder e domínio, observado desde a Idade Antiga até a Medieval (bibliotecas dos grandes templos e bibliotecas monásticas). Passa na Idade Moderna a ser disseminado de forma controlada por grupos específicos, em razão da política de informação adotada pelos representantes da hegemonia dominante, até o paradigma atual do direito de acesso irrestrito à informação.

Nesse contexto, o perfil do profissional sofre alterações constantes para se adequar às transformações sociais configuradas no decorrer do tempo. O bibliotecário passa de erudito conhecedor da cultura geral, guardião do saber, para técnico especializado em determinada área do conhecimento. Ao longo da trajetória da profissão, alguns estereótipos foram criados para designar o profissional que se ocupa em organizar e disseminar o conhecimento produzido pela ciência. De “guardião do saber”, na Idade Média, a “servo dos servos da ciência”, designação moderna dada àquele que auxilia o cientista em suas incursões no terreno do



conhecimento registrado na área investigada. Esses termos têm ressignificado a imagem do bibliotecário, muitas vezes de modo pouco compreensível para a sociedade. A visão reducionista do papel do bibliotecário como guardador de livros ou simples repassador de informações para os cientistas não o considera como agente de mediação do conhecimento produzido pela humanidade ao longo de sua trajetória, ignorando as múltiplas atribuições a ele designadas. Nessa perspectiva, o elo existente entre o bibliotecário e o cientista parece ser a de uma relação hegemônica deste em detrimento daquele, em que o produtor do conhecimento se sobrepõe ao organizador do conjunto de saberes acumulados socialmente. É provável que a designação de “servo dos servos da ciência” não tenha sido suficientemente capaz de externar a amplitude do conjunto de práticas e saberes que detém o profissional da informação.

Na contemporaneidade, a revolução tecnológica do fim do século XIX e início do século XX projeta a Biblioteconomia para um novo patamar, trazendo mudanças significativas no tratamento e acesso à informação. As técnicas tradicionais são inovadas e ampliadas por novos aparatos tecnológicos disponíveis no mercado. Conceitos são recriados, a fim de que se possam contemplar as demandas informacionais, originadas pela dinâmica da sociedade hodierna. Assim, os processos de tratamento da informação, os serviços da biblioteca e centros de documentação foram drasticamente impactados pelo uso de invenções como a cópia fotostática, a microfilmagem, a máquina de escrever, o telefone e, contemporaneamente, o computador.

Os aspectos que delineiam uma profissão não podem ser vistos sem o olhar sobre as contribuições deixadas pelos seus profissionais e pensadores no exercício cotidiano de sua práxis. Sobre o empenho deles no aprimoramento das técnicas, a partir de suas reflexões e vivências de fatos reais da vida laboral. Sobre os desafios enfrentados para adequar o saber tradicional às novas exigências decorrentes das inovações tecnológicas.

É sob esse prisma que registramos o legado que inúmeros profissionais deixaram na história da Biblioteconomia. Os marcos que permeiam nossa prática diária como profissionais da informação. O pioneirismo de alguns, nem sempre bem compreendidos, desafiando o instituído, para criar novos formatos que facilitem o acesso à informação. Nessa perspectiva, vale ressaltar o contributo de alguns profissionais, estudiosos europeus e norte-americanos, para o repensar da práxis biblioteconômica, a partir de experiências desenvolvidas nas instituições das quais foram responsáveis. Dentre muitos, Anthony Panizy, da Biblioteca do Museu Britânico, Charles Jewett, da Biblioteca Pública de Boston, Charles Cutter, na catalogação, John Dewey e Bliss, na classificação de assuntos. Empreenderam esforços também no sentido de promover reflexão acerca do sentido da organização social da informação. É inegável que o conhecimento produzido por esses profissionais da informação foi relevante na construção da base teórico-prática da Biblioteconomia atual. O que se observa na literatura é que, apesar da ênfase nas técnicas, especialmente dada pelos americanos, vem de longe consciência da necessidade de melhoria nos procedimentos



administrativos e gerenciais, ainda que bastante incipientes, como se observa nas obras de Naudé (1927) e Hesse (1839). No rol dos nomes que contribuíram com seus saberes, inserimos a militância profissional de Esmeralda Aragão, no contexto local e nacional brasileiro.

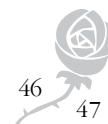
No contexto geral, a Biblioteconomia da primeira metade do século XX é marcada pela tradição européia, vinda principalmente da Ecole des Chartes (1821), sendo posteriormente influenciada pelo tecnicismo americano. Nesse ínterim, o desenvolvimento tecnológico após a segunda guerra mundial, delineou novos caminhos para a Biblioteconomia mundial. Mais uma vez, o surgimento de novas demandas informacionais fez com que os profissionais da área buscassem alternativas para atenuar antigos problemas relacionados com o acesso à informação especializada, através do uso das novas tecnologias de comunicação e informação. Diante do novo cenário, é necessário considerar que, se por um lado, a escassa formação tecnológica do profissional bibliotecário era aspecto limitante no trato do uso das novas tecnologias, por outro, havia profissionais e técnicos de diversas áreas buscando, na tecnologia, soluções para minimizar os problemas relacionados com o acesso e a disseminação da informação. Nesse conturbado cenário, emerge a Ciência da Informação (segunda metade do século XX), uma nova área do conhecimento, resultante da junção de diferentes profissionais da informação, cuja pretensão era encontrar soluções (nem sempre bem-sucedidas) para atenuar as questões relacionadas à comunicação científica, ao acesso e à disseminação do conhecimento nos diferentes campos do saber.

Vê-se, portanto, que o grande mérito da luta dos profissionais da informação do passado e do presente sempre foi a busca interminável por procedimentos que viessem melhorar os aspectos relacionados com a organização, a disseminação e o uso da informação produzida pela sociedade no curso de sua história.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL E NA BAHIA

A trajetória da Biblioteconomia nacional é marcada pela instalação forçada da Corte Portuguesa no Brasil em 1808, com a criação da Biblioteca Nacional (BN), a partir do acervo oriundo da Biblioteca Real Portuguesa. Podemos dizer que a Biblioteconomia brasileira é fruto de um incidente político internacional, em que as pressões exercidas pelo poder napoleônico sobre a coroa portuguesa determinaram a existência da profissão no País. A chegada da coleção real implicou a designação de um espaço físico para acondicioná-la e a alocação de recursos humanos para geri-la, nos primórdios da intempestiva chegada.

Os primeiros “profissionais” responsáveis pelo funcionamento da BN foram religiosos, que se revezaram no cargo durante as primeiras quatro décadas de sua existência. Só a partir de 1846, é que assume o cargo um médico, não-religioso (CASTRO, 2000, p. 46). Durante esse percurso, é recorrente a reclamação dos dirigentes da BN quanto à qualificação dos funcionários da biblioteca. A presença do profissional bibliotecário é registrada a partir de 1879, na gestão de



Benjamim Ramiz Galvão (CASTRO, 2000) quando o historiador e jornalista Capristano de Abreu foi aprovado para exercer o cargo, apesar de não possuir a formação específica.

Observa-se no panorama da Biblioteconomia brasileira um desenvolvimento vagaroso, porém gradual em prol da construção de uma identidade profissional da área, conforme aponta Castro (2000) em pesquisa refinada acerca da temática. Os primeiros passos em direção à sedimentação da profissão, no território nacional, só foram possíveis após mais de um século da chegada da família real portuguesa, com a implantação do primeiro curso de Biblioteconomia da BN, em 1911, iniciado, entretanto, em 1915, em razão de problemas apresentados para seu efetivo funcionamento (ausência de candidatos e precariedade de docentes para ministrar o curso).

O curso da BN funcionou até 1923 e contemplava disciplinas teórico-práticas, com a pretensão de formar o bibliotecário com o perfil de profissional possuidor de cultura geral, que demonstrasse saberes universais nos diversos campos do conhecimento e dominasse idiomas como o francês, o inglês e o latim. É notável o predomínio da cultura erudita européia, nos primórdios do processo de formação do nosso profissional da informação.

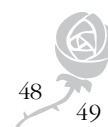
Após essa data, foi instituído o curso técnico para bibliotecário, cujo objetivo era qualificar pessoas para atuar em museus, bibliotecas e arquivos. Esse curso não aconteceu em razão da recusa dos docentes do antigo curso da BN e da lei dos adidos, que determinava o aproveitamento de funcionários em disponibilidade, para assumir as funções desses profissionais da informação (CASTRO, 2000, p. 59).

Diante disso, em 1931, por determinação do Ministério da Educação, foi restabelecido o antigo curso da BN com as mesmas diretrizes curriculares do anterior, conforme atesta Dias (1954 apud CASTRO, 2000). Nele o predomínio da cultura geral se sobrepõe à técnica.

A ampliação da profissão ocorre de modo gradativo e relacionado com o movimento educativo. Cabe ressaltar que, nesse período, a cidade de São Paulo já era uma metrópole e contava com uma biblioteca oficial desde 1825, vindo esse estado a dar contribuições importantes no crescimento da profissão. Nesse aspecto, vale ressaltar a influência do Colégio Mackenzie na determinação de novos rumos para a Biblioteconomia local. Esse colégio, cujos princípios pedagógicos eram embasados no pragmatismo americano, promoveu, nos fins dos anos 1920, a vinda de uma bibliotecária norte-americana para organizar seu acervo e capacitar, por meio do Curso Elementar de Biblioteconomia, os funcionários da biblioteca do Mackenzie. Esse fato foi um marco na atualização da técnica de tratamento da informação.

Nos idos de 1936, foi fundado o curso de Biblioteconomia no estado de São Paulo, por iniciativa de Adelpha de Figueiredo e Rubens Borba de Moraes; ela, graduada em Odontologia e Música, agraciada com uma bolsa para estudar Biblioteconomia nos Estados Unidos; ele, graduado em Letras, com larga experiência como gestor de bibliotecas no País e no exterior.

A expansão do ensino da Biblioteconomia no Brasil ocorreu a partir dos anos 1940, quando da descentralização da educação bibliotecária no eixo Rio-São Paulo. Esse movimento aconteceu em razão da concessão de bolsas de



estudo pelos cursos da BN e pelo Curso da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, para candidatos de outros estados. Tal iniciativa propiciou a ampliação de oportunidades de acesso à carreira por meio da criação de diversos cursos em vários estados e cidades brasileiras, a exemplo da Bahia (1942), Campinas–SP (1945), Minas Gerais, Pernambuco (1950), entre outros. Vale ressaltar que esses cursos sofreram modificações para se adequar à realidade que se configura na década de 1940, principalmente em relação à incorporação dos conteúdos oriundos do modelo pragmático americano, em que a formação técnica prevalece, em detrimento da humanista européia.

A Biblioteconomia baiana nasceu do entusiasmo da jovem engenheira civil Bernadette Sinay Neves, nomeada pelo Secretário de Educação do Estado, Isaias Alves, em 1939, para ocupar o cargo de bibliotecária da Escola Politécnica. Para exercer tal atividade, o então secretário a encaminhou ao Rio de Janeiro para qualificar-se em Biblioteconomia no curso do extinto Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), na Biblioteca Nacional. De posse dos conhecimentos biblioteconômicos adquiridos na capital federal, Bernadette, ao retornar a Salvador, ministrou o primeiro curso na área, na biblioteca da Escola Politécnica, em 1942. O interesse em ampliar seu aprendizado sobre a nova profissão levou-a a São Paulo para realizar o curso regular de especialização da Escola de Sociologia e Política. Ao regressar, ofereceu o segundo curso de Biblioteconomia, no Instituto Geográfico e Histórico, em 1944. Nesse ínterim, já bastante familiarizada com a área, obteve uma bolsa de estudos da Fundação

Rockfeller e seguiu para os Estados Unidos, onde permaneceu por um ano estudando as inovações da Biblioteconomia norte-americana. Ao voltar ao Brasil, a nossa engenheira-bibliotecária ministrou o terceiro curso na área, em 1946, cujo programa foi ampliado em relação aos dois anteriores, em razão da aprendizagem adquirida por Bernadette no exterior.

A criação da Universidade da Bahia, em 1946, impulsionou o ensino da Biblioteconomia no estado, uma vez que, além de acolhê-lo em suas dependências, a universidade, dispôs pequena verba para sua manutenção, passando a funcionar, em 1947, na Escola Politécnica. A partir de então, teve vários endereços: Faculdade de Filosofia, Escola de Belas-Artes, Escola de Ciências Econômicas, subsolo da Reitoria, prédio na esquina da rua Araújo Pinho e, finalmente no endereço atual no Canela. (A BIBLIOTECONOMIA... 1982).

Em 1949, a pedido de Anísio Teixeira, então Secretário de Educação do Estado, a Escola de Biblioteconomia propicia o primeiro curso intensivo para capacitar professores primários responsáveis por bibliotecas escolares da capital e do interior. Desse curso, despontaram três importantes ícones da biblioteconomia baiana, cuja formação regular posterior, tornou-as bibliotecárias e professoras: Esmeralda Aragão, nossa homenageada, Eurydice Pires de Sant'Anna, ex-diretora da escola, e Denise Tavares, idealizadora da Biblioteca Monteiro Lobato. A parceria da Escola com o Estado, na gestão do secretário de educação, Anísio Teixeira, ainda propiciou que a Escola planejasse e instalasse a Biblioteca Central de Educação do Estado, embrião de uma rede de bibliotecas, cujo acervo estava destinado à atualização e



aprimoramento dos docentes da educação primária e secundária estadual.

A inserção da Escola de Biblioteconomia da Bahia na universidade por força de um convênio, em 1954, trouxe novas perspectivas para a área e seus profissionais, dando-lhes maior visibilidade na sociedade baiana. A escola passou a denominar-se Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade da Bahia.

Nesse percurso, vale enfatizar os esforços empreendidos no fortalecimento da área e na adequação do processo de formação profissional, para acompanhar os desafios impostos pelas mudanças sociais daquele momento. A colaboração de mentes entusiastas e idealistas, ao longo dessa trajetória, como a do reitor Edgar Santos, a do Secretário de Educação Anísio Teixeira e de professores e bibliotecários foi determinante para que a Biblioteconomia seja hoje reconhecida como área relevante e imprescindível na sociedade da informação.

É nesse contexto, descrito por Esmeralda Aragão e confirmado pela literatura da área, que visualizamos a atuação da Biblioteconomia baiana no cenário nacional e que nos deixa orgulhosos da profissão que abraçamos.

É nesse lugar que situamos a profícua participação de nossa PEDRA PRECIOSA, na construção de novos horizontes que permeiam a identidade do atual profissional da informação.

UMA PEDRA FIRME E BRILHANTE MORA NESTE NOME ESMERALDA ARAGÃO

A porta se abriu. Já éramos esperadas. Um sorriso de boas-vindas e uma frase solta e informal:

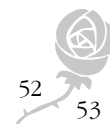
– Esperem um pouco! Preciso arrumar o cabelo e passar um batonzinho.

Assim, Esmeralda Aragão nos recebeu no primeiro encontro, seguido de entrevista. Enquanto a aguardávamos, tivemos o tempo necessário para instalar a parafernália tecnológica que levamos: computador portátil, MP3 e filmadora.

VIDA EM FAMÍLIA E MOTIVAÇÃO PARA A VIDA PROFISSIONAL

Explicamos-lhe nossos propósitos e pedimos a ela que nos contasse sobre sua vida, desde a infância. Franzindo os olhos, tomou ares de seriedade e nos falou:

Eu sou filha de pais pobres, nível médio para baixo. Meus pais não tiveram instrução. Papai era curioso e gostava de ler, mas minha mãe era doméstica.



*Otávio Pinto de Aragão e Eufrosina Maria de Aragão.
Do casal nasceram 6 filhos, sendo eu a segunda. Eu
tinha uma irmã mais velha.*

*[...] Nasci na rua das Verônicas, ali no centro da
cidade. Tenho procurado pela placa indicativa da
rua e não a tenho encontrado mais.*

Esmeralda tem origem simples, com pai interessado em leitura e mãe dedicada aos cuidados familiares. Na rua das Verônicas, junto com a família, viveu o início de sua infância. Mudou-se com os pais e os 5 irmãos para a rua do Alvo, na Baixa dos Sapateiros, próximo ao cine Jandaia. Depois, para Brotas, bairro mais desenvolvido, naquela época.

Com o tempo, o pai comprou um terreno na avenida Saraiva e ali construiu a casa própria.

*Era uma casa boa, confortável, com 3 quartos, o
dos meninos, o das meninas e o do casal. Mais de
40 anos ali vivemos. Meu pai queria ampliar o
quintal, que não tinha muitas frutas. [...]*

Morar naquele local por quatro décadas, segundo ela, foi muito bom, no convívio da família. Seu pai conseguiu reformar a casa, comprou mobília nova, por uma boa causa para comemorar sua formatura na Escola Normal. Foi uma grande festa, muita alegria por formar uma filha, cujo evento foi compartilhado com muitos familiares.

*[...] Houve uma grande festa da família na minha
formatura de professora primária.*

Nessa vida morna e cercada de cuidados, Esmeralda se fortaleceu em seus ideais profissionais.

O pai era profissional ligado ao ramo de moldes para fabricação de sapatos e, por metáfora, a facilitar e abrir caminhos. Formou sociedade com um de seus compadres, no caso, padrinho de Esmeralda. Quando acabou a parceria, entre eles, com seu espírito empreendedor, montou uma loja, próximo à Igreja de Santana.

Mais tarde, alugou a casa de Salvador e foi morar em Feira de Santana, onde prosperou com negócios ligados ao ramo de sapataria. Esmeralda ficou em Salvador, na ladeira defronte ao Colégio Central e foi aí que, em 1963, recebeu a notícia de que o pai estava muito doente. Já trabalhava na Faculdade de Direito e, de lá, saiu para vê-lo, porém não mais o encontrou vivo.

O valor ao diploma e à formação profissional estavam presentes em sua família. Talvez pelo entendimento de que o diploma pudesse oferecer melhores oportunidades e realizações, levando os filhos, assim, a não passarem por dificuldades, como, em certas ocasiões, passou o Sr. Otávio, pai de Esmeralda.



Foto 1 - Formatura em professora primária.

O diploma de professor primário, em 1942, do Instituto Central Isaías Alves, deu-lhe a oportunidade, de trabalhar no magistério durante 13 anos, após concurso para a capital. Já nessa época, estava envolvida pela Biblioteconomia.

[...] Nesses anos, eu já estava envolvida com a Biblioteconomia. Fiz um curso preparatório para professores encarregados de bibliotecas, em 1949.



O curso a que se refere foi fruto de convênio entre a Secretaria de Educação do Estado e a Escola de Biblioteconomia e Documentação e estava diretamente ligado à proposta de educação do então Secretário de Educação, Anísio Teixeira. Conhecedor do precário quadro de bibliotecários no estado e sendo ele defensor ferrenho da inserção da biblioteca no contexto escolar, não hesitou em promover a capacitação de 28 professores primários para atuar nas bibliotecas escolares com até 500 volumes, em Salvador e, no interior do Estado, como professores auxiliares de biblioteca. Aí começa a paixão de Esmeralda pela Biblioteconomia.

Como professora encarregada de biblioteca, Esmeralda contava estórias para as crianças, revezando os horários com todas as turmas. Teve contato com um público infantil pobre. À época, trabalhava na Escola Maria Quitéria. A emoção e a convivência com crianças estimulou-a para o curso regular de Biblioteconomia, em 1952.

No princípio de sua vida profissional, ela acumulou as duas funções, a de professora e a de bibliotecária, mas deixou o ensino primário, ficando, exclusivamente, como bibliotecária. No penúltimo ano de Biblioteconomia, fez o curso de Jornalismo na UFBA, no qual ampliou conhecimentos e horizontes.

Foi estagiária na biblioteca de Direito. Interrompeu o Curso de Biblioteconomia para fazer Jornalismo, mas retornou à Biblioteconomia.

Quando se formou bibliotecária e documentalista, em 1955, foi designada para a Faculdade de Direito, sendo posteriormente nomeada chefe, por 20 anos, em razão de sua competência e dedicação. Foi convidada pelo presidente da

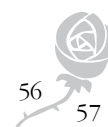
Ordem dos Advogados do Brasil, regional Bahia, Prof. Geraldo Sobral, a reorganizar a biblioteca da Ordem, tarefa realizada em parceria com a Profa. Dinorá Luna de Assis Quaresma.



Foto 2 - Esmeralda com colegas formandos em 1955 (1ª da esquerda para a direita)



Foto 3 - Formatura em Biblioteconomia – 1955 – oradora da turma



Foi o início de uma longa trajetória dedicada à profissão de bibliotecário. Nasce então uma profissional que iria participar ativamente da história da Biblioteconomia baiana e brasileira, persistente em seus ideais, acreditando sempre no potencial dos profissionais da área. Quantos foram seus alunos e hoje são brilhantes aqui e em outras terras! Tantos são aqueles que a lembram com carinho, sentimento que só os grandes mestres conseguem provocar em seus discípulos.

Nesse ponto da entrevista, Esmeralda levantou-se, interrompendo, naturalmente, a fala. Pediu que nos fosse servido um suco gelado, delicioso, com frutas da Bahia!

UMA TRAJETÓRIA CERCADA DE LIVROS, PAPÉIS E DOCUMENTOS

Vemos Esmeralda totalmente inserida na Biblioteconomia, desde 1949, quando participou do Curso Intensivo de Biblioteconomia para professores primários, no início de sua paixão pela área, ainda como professora primária.

A partir daí, sua história se consolida e a Biblioteconomia baiana passa a contar com uma profissional apaixonada pela área, idealista e visionária, participante ativa do movimento de consolidação da profissão.

Ensino, Pesquisa, Extensão... Representações, palestras, produções.

Eis que na vida de Esmeralda Aragão entrecruzaram-se esses caminhos, na Biblioteconomia baiana e na Biblioteconomia nacional. Em suas ações, alguns objetivos prevaleceram e

permaneceram: o de servir, participar, trabalhar, ajudar a construir.

Contou-nos sobre sua vida profissional:

Era professora primária e, em 1952, ingressei no Curso de Biblioteconomia.

Quando já estava como chefe na Faculdade de Direito, orientava alunos, estagiários de Biblioteconomia, pois já era professora na EBD.

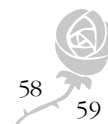
Interrompe seu depoimento e completou a entrevista, indicando-nos a leitura do livro “**Cinqüentenário da Escola de Biblioteconomia e Documentação**”, coordenado por ela e Dinorá Quaresma, quando da comemoração dos 50 anos da referida escola.

Dedicou-se a muitas disciplinas.

Ensinei algumas disciplinas, sendo meu foco voltado para a catalogação. De início, trabalhei com Belita, fui monitora dela. Depois, mais tarde, trabalhei com organização de fichários, na condição de assistente de Belita.

Na graduação, ensinou Catalogação, Bibliotecas Públicas e Escolares, Organização Temática da Informação (classificação bibliográfica). No Curso de Especialização em Arquivologia, em 1988/90, também participou como professora.

Coordenou vários cursos para a comunidade em geral, sempre com a preocupação de desenvolver e capacitar os profissionais da área e promover, para a sociedade, um sentido pleno do livro. Sempre foi manifesta sua vontade de desenvolver serviços e ações à comunidade, por meio das bibliotecas públicas.



É importante destacar que também coordenou cursos para alunos da EBD.

Veja-se pela cronologia:

1973 – Planejamento de Serviços de Bibliotecas (incorporando aulas com professores de outras unidades da UFBA – Arquitetura, Politécnica, Economia e Administração);

1978 – Teoria da Comunicação;

1980 – A Informação antes do Livro;

1982 – Literatura Infantil – Arte de contar histórias, com Maria Bety Coelho Silva;

Inglês Instrumental, com a Prof^a Waldete Santos

I Seminário de Arquivologia com participação de Laura Russo;

1985 – Informações Básicas sobre Apresentação de Publicações;

1986 – Ação Cultural na Biblioteca Pública;

1987 – Faz parte de uma mesa-redonda sobre a temática Bibliotecas Públicas e Escolares da Bahia, promovida pela Secretaria Estadual da Cultura, em Salvador.

Alguns outros cursos foram realizados sob sua coordenação e inseridos nos serviços de Animação Cultural das Bibliotecas Públicas:

- A Biblioteca Pública: suas características e funções;
- As Fontes de Informação na Biblioteca Pública;

- Música para Principiantes;
- Lembranças e Enfeites de Natal.

Essas realizações confirmam a motivação de Esmeralda para as questões ligadas ao estreitamento dos laços entre biblioteca pública e a comunidade universitária.

Coordenou e proferiu muitas palestras. Exemplos do que se está dizendo é a coordenação da palestra de Sola Price, parte de um ciclo de palestras abertas ao público, de modo geral.

“A importância da leitura na vida do homem” foi proferida por Maria Bety Coelho, a convite de Esmeralda, no sentido de despertar a comunidade para as práticas da leitura.

Pesquisa

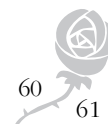
[...] Em pesquisa, gostava muito de auxiliar aos que me procuravam.

A produção de conhecimento não foi esquecida por Esmeralda Aragão. Sua vida profissional e acadêmica levaram-na a muitos interesses.

1986 – “Bibliotecas Comunitárias de Salvador”, em parceria com Clara M.W. Barreto e Carmélia Regina de Mattos;

1988 – “Quem lê Jorge Amado na Bahia”, em parceria com Clara M.W. Barreto;

“A Biblioteca como instrumento de Ação Cultural: um estudo de caso sobre a experiência de extensão na



Biblioteca Ernesto Simões Filho” – Dissertação de Mestrado na Universidade Federal da Paraíba;

1989 – “Modelo de Comunicação e Transferência da Informação na Medicina/UFBA, de Margarida Pinto de Oliveira, com a colaboração de Esmeralda Aragão;

“Perfil do Aluno”, em parceria com Margarida P. de Oliveira;

“Estudo do Mercado de Trabalho do Bibliotecário no Estado da Bahia”, em parceria com Margarida P. de Oliveira e Dinorá Quaresma.

Extensão

Esmeralda levou à comunidade interna e externa o sabor e a dedicação para com os livros, preocupada, que sempre foi, com os destinos da sociedade brasileira.

Em 1965, participou de uma excursão, com Dinorá Quaresma e alunos concluintes do curso de biblioteconomia, à cidade de Buenos Aires.



Foto 4 - Organização do acervo Jorge Amado – alunas sentadas e, em pé, Esmeralda, Dinorá e Marinha de Andrade

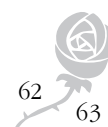
Merece registro a participação inicial de Esmeralda Aragão e de Maria José Rabello de Freitas na organização do acervo do escritor Jorge Amado, continuada pelas professoras Marinha de Andrade, Dinorá Luna de Assis Quaresma e Clara Maria Weber Barreto.

De 1977 a 1979, a EBD participou do Projeto de Desenvolvimento da Cidade de Cachoeira, BA - PRODESCA - que visava a integrar a universidade, por meio de suas unidades com a comunidade cachoeirana, tendo em vista o ressurgimento cultural e o desenvolvimento econômico daquela cidade histórica.

Esmeralda muito colaborou nesse projeto, junto com o Prof. Fernando Luis da Fonseca. Ao discorrer sobre o Projeto de Cachoeira, percebe-se um brilho no olhar de Esmeralda. Aquele foi um trabalho que lhe deu imensa satisfação.



Foto 5 - Esmeralda, com colegas e alunos da EBD, em Cachoeira



Ainda, no PRODESCA, Esmeralda coordenou cursos, que foram oferecidos à comunidade:

- A seção de periódicos: utilização de seu acervo;
- Serviço de extensão na biblioteca pública;
- Bonecas de Pano.

Uma das grandes preocupações de Esmeralda foi o papel social e cultural das bibliotecas públicas para o desenvolvimento econômico e cultural. Ao invés de ficar ensimesmada em suas preocupações, ela procurou, arregaçou as mangas e fez sua parte, dando grande contribuição à sociedade baiana.

Participou, como professora, do curso “A Biblioteca e a Comunidade”, que, mais tarde, foi oferecido de maneira mais aprofundada que o primeiro. Ensinou Técnicas Biblioteconômicas de Apoio à Escola, em cursos, geralmente, realizados no Colégio Municipal de Cachoeira.

Em 1979, participou, ativamente, da instalação das seções específicas de biblioteca, durante a Exposição da Universidade Federal da Bahia em Cachoeira, na instalação da Biblioteca Ernesto Simões Filho, onde, nove anos depois, foi instalado um painel histórico, comemorativo do Sesquicentenário de Cachoeira. Este painel foi organizado pelo professor Francisco Serra, da Faculdade de Arquitetura, com fotos dos prédios e aspectos culturais.

Em razão da visibilidade que a profissão de bibliotecário começou a ter na sociedade baiana, a Escola de Biblioteconomia passou a ser requisitada para realizar a implantação

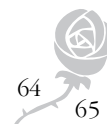
de bibliotecas e a organização de acervos tanto na capital quanto no interior, a exemplo de Cachoeira, Jacobina, Feira de Santana e Tanquinho.

[...] Naquela época, as instituições começaram a procurar a EBD, que ganhava expressão social. A escola era procurada para auxiliar na organização de bibliotecas. Esse processo de parceria teve início na própria UFBA. As bibliotecas da universidade foram sendo organizadas nos parâmetros científicos. Continuamos auxiliando; participávamos de congressos, com o apoio do reitor Edgard Santos e, aos poucos, a EBD foi saindo do anonimato, para uma condição de maior expressividade acadêmica e social. Fui até para o interior para organizar bibliotecas municipais. A de Feira de Santana foi organizada pela Escola, sob a coordenação de Lourdes Conceição, professora de Administração de Bibliotecas. A escola preparou o pessoal para o processamento e o atendimento ao público.

Esmeralda sempre esteve envolvida nesse contexto, seja capacitando o pessoal para desenvolver atividades nesses espaços, ou atuando diretamente neles, como ressalta:

Eu trabalhei na Biblioteca de Jacobina, mas também na de Cachoeira. Em Jacobina, construíram um prédio próprio para a instalação da Biblioteca Municipal e que, mais tarde, foi ocupado pelo Banco Econômico. Só com o passar dos anos, o banco saiu de lá. Minha estada em Jacobina foi curta. O prefeito queria incentivar o uso da biblioteca e a leitura.

Um dos trabalhos que realizei com muito carinho foi na Biblioteca Pedro Calmon, de Tanquinho. O prefeito, Dr. Renato Babia, logo que tomou posse,



solicitou, por ofício à diretora da Escola, Belita Carvalho, uma professora para organizar a biblioteca da cidade na sua gestão. Eu fui escolhida e, de 15 em 15 dias, passava lá os fins de semana. Registrei 500 livros, classifiquei separando-os por assunto e preparando-os para empréstimo. No fim, a biblioteca foi instalada. O Dr. Renato Babia era um homem idealista e desejava, como primeiro prefeito, dotar a cidade de condições culturais básicas para seu progresso, contando com a colaboração de seu grande amigo o saudoso professor e economista Rômulo Almeida, que fez a restauração do prédio abandonado onde as instituições foram instaladas. Assim, em 1962, inauguramos um conjunto de instituições básicas: biblioteca, arquivo e museu, dando oportunidade aos alunos e professores do ginásio, já existente, melhores condições e oportunidades de leitura e preparo de aulas e estudos.

Assim, a EBD, com seu quadro de professores serviu, primeiramente, à Universidade e depois ao Estado.

Estudos

Era o ano de 1967. Esmeralda segue para Madrid, onde realiza estágio na Biblioteca da Faculdade de Direito, com bolsa do Instituto Hispânico.

Só bem mais tarde, pensa no mestrado. Já estávamos no 5º decênio da Escola de Biblioteconomia e no quase equivalente, em quantidade de anos, à colaboração de Esmeralda Aragão a esta escola.

Ela se afastou de suas funções e foi realizar seu mestrado na Universidade Federal da Paraíba. Seus estudos foram concluídos em 1988.

Representações, participações...

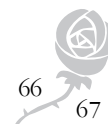
Desde o início de sua vida profissional, Esmeralda atuou em defesa da profissão, participando de entidades de classe, demonstrando consciência política, característica essa nem sempre bem compreendida por seus pares, chegando a ser considerada comunista, num sentido pejorativo. Como professora primária, participou da Sociedade Unificada de Professores Primários (SUPP). Ainda como estudante universitária, fundou o Diretório Acadêmico (DA) de Biblioteconomia, sendo sua presidente. Quatro anos depois de formada em Biblioteconomia, tornou-se presidente da Associação dos Bibliotecários da Bahia.

Gosto de participar de entidades de classe. Quando estudante, eu fui membro do Diretório Acadêmico e sempre participei de entidades de classe.

[...] Também fui representante nos conselhos de classe. Presidente do regional e membro conselheiro no Conselho Federal de Biblioteconomia.

Foi como presidente da Associação de Bibliotecários da Bahia que ela promoveu o II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação. A associação foi efetivada em 1952, por um movimento de profissionais e, já em 1959, lá estava Esmeralda à sua frente.

Vale ressaltar que o êxito alcançado pelo 2º Congresso de Biblioteconomia deveu-se ao patrocínio do reitor Edgard Santos, de Belita Carvalho, então diretora da EBD, da Associação



dos Bibliotecários da Bahia, presidida por Esmeralda Aragão, e ao empenho de professores e bibliotecários baianos, que o organizaram em apenas seis meses.



Foto 6 - CFB 11ª Gestão – 1997 a 2000 (da esquerda para a direita, Esmeralda, Neusa Tinoco, Isabel)

Nessa ocasião, destaca-se a presença e o apoio de Esmeralda Aragão na criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), iniciativa da bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo e de Rodolfo Rocha Jr., ambos de São Paulo, no 2º Congresso de Biblioteconomia, em 1959.

Laura e eu nos tornamos amigas a partir daí e muito me enaideci de ela me considerar sua grande e fiel amiga. Compartilhamos de discussões bibliotecônicas que culminaram em avanços significativos para a consolidação e reconhecimento da profissão até o fim de sua vida.

[...] Atuei na FEBAB e fui sua presidente, o que me valeu muitos conhecimentos.

A FEBAB foi fundada em 26 de julho de 1959, data do encerramento do II Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, tendo como principal objetivo defender e incentivar o desenvolvimento da profissão. Segundo os proponentes, “sua criação tornava-se imperativa para a categoria, na medida em que com o passar do tempo [...] os problemas da classe e das bibliotecas foram se aviltando, dado o processo da técnica e da ciência.” (CASTRO, 2000. p. 178).

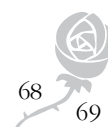
Ao longo de sua história, muitos documentos foram elaborados contemplando as atividades desenvolvidas e que se encontram publicadas nos boletins, jornais e revistas da FEBAB. Quando da comemoração de seus 30 anos, um número especial do Jornal da FEBAB foi elaborado, proporcionando um breve resumo de cada gestão até aquele momento.



Os Presidentes Antônio Gabriel Esmeralda Aragão, Laura Rasso, Eizabet Carvalho, May Brooking Negrão e abaixo a atual Presidente Sema Chi Barreiro.

Foto 7 – Homenagem aos 30 anos da FEBAB

Na história da instituição, o nome de Esmeralda está incrustado, como se pode ver no histórico extraído do site da FEBAB, a seguir:



1975/1977

Presidente – Esmeralda Maria Aragão
Vice-Presidente – Maria José Rabelo de Freitas
Secretária Geral – Marlene Gomes Martinez
1ª Secretária – Lindaura Alban Corujeira
2ª Secretária – Milta Azevedo
1ª Tesoureira – Maria Miranda de C. Britto
2ª Tesoureira – Carminda N.C. Ferreira
Bibliotecária – Maria de Fátima C. Ferreira
Observadora Legislativo – Anibal Rodrigues Coelho
Redatora da Revista – Laura G.M. Russo

Nessa gestão foi criada a Carta Mensal, cuja coleção se constituiu de 21 números.

Por essa publicação mensal a classe foi cientificada dos eventos importantes de maneira dinâmica, tal como as circulares fizeram de 1960–1974.

Participante ativa na FEBAB, Esmeralda foi eleita como sua presidente em 1975. Salvador passa a ser a sede da entidade no biênio e bibliotecários baianos começam a se destacar: Maria José Rabelo de Freitas, vice-presidente; Carmélia Regina de Mattos, tesoureira; Lúcia Matos e Santos e Lícia do Eirado Silva, 1ª e 2ª secretárias, respectivamente. A FEBAB, com sede em Salvador, edita uma publicação mensal “Carta Mensal” e a Revista Brasileira de Biblioteconomia continua a ser editada em São Paulo, sob a responsabilidade de Laura Garcia Moreno Russo.

Na gestão da FEBAB em Salvador, acontece, em Brasília, o VIII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, do qual Esmeralda participa como representante da Escola de Biblioteconomia e, ao mesmo tempo, como presidente da FEBAB.

Por suas realizações junto à FEBAB, é homenageada, em 1984, pela então presidente May Brooking Negrão.

Muito dinâmica, nossa professora não deixava de comparecer aos congressos. Em Curitiba, no III Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, apresentou “A profissão de bibliotecário documentalista: situação e perspectiva no Brasil”. No IV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação, realizado em Fortaleza, apresentou “Os Sistemas Regionais de Bibliotecas Públicas e seu entrosamento com o Serviço Nacional de Bibliotecas.”

Salvador tornou a sediar, em 1991, o XVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação e, nessa ocasião, Esmeralda participou com 3 trabalhos:

“O Conceito de Ação Cultural e sua Prática na Biblioteca Pública”;

“Bibliotecário e Mercado de Trabalho”;

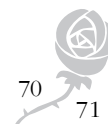
“Padrões de Comunicação na Universidade Federal da Bahia”.

Além de congressos, outras significativas participações e representações enriquecem seu curriculum, confirmando seu dinamismo.

Em 1965, com a professora Belita Carvalho, participa do Simpósio Comemorativo do Cinquentenário do Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional.

Com a instalação do Conselho Regional de Biblioteconomia – 5ª região, em 1967, nossa colega ocupa o cargo de vice-presidente, auxiliando o Prof. Francisco Liberato de Mattos Carvalho em suas funções.

No Rio de Janeiro, em 1969, acontece o Seminário de Arquitetura de Bibliotecas Populares e Infanto-juvenis,



promovido pelo Instituto Nacional do Livro. Esmeralda lá estava acompanhada de Belita Carvalho, como representantes da Bahia.

Em 1976, a Associação de Bibliotecários do Rio de Janeiro promove a Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, da qual Esmeralda participa, juntamente com Eurydice Pires de Sant'Ana e Dinorá Luna de Assis Quaresma.

Mas, não só de eventos profissionais participou Esmeralda! Na dor, na alegria, essa mulher esteve presente, demonstrando seu espírito solidário.

Abner Lellis Correa Vicentini, tradutor do Código de Catalogação (AACR) e insigne bibliotecário brasileiro, morre em 1976 e Esmeralda participa do cortejo funerário, em Brasília.

Para o biênio de 1979/1980, Esmeralda Aragão é eleita substituta do vice-diretor da Escola de Biblioteconomia. Sempre disposta a colaborar!

Idos de 1980! Expressivo evento da área!

Bibliotecários latino-americanos, europeus e dos Estados Unidos compareceram ao I Congresso Latino – Americano de Biblioteconomia, que teve o patrocínio da FEBAB e da Associação Profissional dos Bibliotecários da Bahia e contou com a colaboração da Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFBA.

Em 1986, juntamente com Maria José Rabello de Freitas, participa do 3º Encontro de Bibliotecários da Bahia e, em 1989, em Brasília, representa a Bahia em evento do mesmo nome.

FRAGMENTOS DE UMA PRECIOSA MEMÓRIA : ESMERALDA ARAGÃO E A BIBLIOTECONOMIA NA BAHIA

Além dessas múltiplas atividades, Esmeralda Aragão foi membro da Congregação da EBD, coordenadora do Curso de Biblioteconomia por quatro vezes, de 1976-78, de 1978-80 e, passado algum tempo, retorna em 1986-88 e 1988-90, quando é chamada a ser vice-coordenadora da professora Margarida Pinto de Oliveira. Foi chefe do departamento de Documentação e Informação, no período compreendido entre 1969 a 1973.

Na EBD, só não foi diretora. Perdeu a eleição para Francisco José Liberato de Matos Carvalho, filho de Belita. Colaborou com a gestão de Francisco, inclusive com a sugestão da elaboração do livro sobre a história dos 50 anos da Escola de Biblioteconomia, que foi bem recebida, promovendo, assim, a gestão de Francisco. Esse gesto demonstra a grandeza de espírito de uma mulher que sempre buscou colaborar com a equipe de trabalho.

Perdi uma eleição para a direção, mas não tenho ressentimentos. A direção foi o único cargo que não ocupei na EBD. Só saí da Escola porque já tinha tempo de aposentadoria.

Foi grande incentivadora da abertura do Curso de Arquivologia, o que não poderíamos deixar de registrar, em parceria com a colega e amiga Maria Jose Rabello de Freitas.

Produções

Difícil elencá-las! Exhaustiva tarefa!

Destacamos 21 textos que foram arrolados no livro que marcou os cinquenta anos da Escola de Biblioteconomia e Documentação.



Publica no Boletim Informativo da Universidade, ano de 1966, um artigo que divulga a área da Biblioteconomia à comunidade, em geral, “Biblioteconomia nos Vinte Anos da Universidade.”

Atualmente, uma nova publicação de Esmeralda: **“Denise Tavares: traços biográficos.”** A idéia de fazer esse livro era um sonho antigo, desde a morte daquela educadora. Esmeralda teve muita convivência com Denise e idealizou o livro. O tempo foi passando e a idéia não se concretizava. Foi aí que descobriu que a professora de museologia, da UFBA, Joseânia, elaborara tese sobre Denise Tavares e a Biblioteca Monteiro Lobato. Segundo Esmeralda, a professora teve muito sucesso, pois sua pesquisa fora densa. As duas se encontraram e Joseânia convidou Esmeralda para assistir à sua apresentação de doutorado. Logo após, combinaram a parceria. Passou o tempo e as duas se reuniram para a elaboração do plano da obra. Escolheram o prefaciador e inseriram um prólogo elaborado por Fernanda Vasconcelos, antropóloga, que se entusiasmou com a obra. Esmeralda falou-nos de seu contentamento. O prólogo descreve um panorama da sociedade baiana e o papel das mulheres atuantes.

Ao demonstrar seu entusiasmo, ela nos conta:

Começamos a nos reunir, Joseânia e eu. Elaborei o sumário para falar dos dados biográficos de Denise Tavares. Falamos de Nazaré, a sua cidade natal. Falamos de Salvador, a cidade onde Denise construiu sua vida profissional. A história do livro é o desenvolvimento da vida dela como bibliotecária e professora primária. Denise e eu nos conhecemos quando da realização do curso de preparação para

professores de bibliotecas. Ela foi uma aluna entusiasta e chegou a escrever dois livros: Biblioteca Escolar e Biblioteca Pública.

Denise foi participante assídua na Sociedade Unificada de Professores Primários (SUPP) da qual também participava. Ela queria trabalhar pelas crianças carentes da Bahia e encontrou essa possibilidade na implantação da biblioteca.

A história da SUPP começa em 1947, com entusiasmo e espírito de luta.

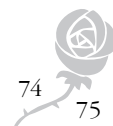
O que se queria, segundo nos fala Esmeralda, era a unificação dos professores primários em prol de melhor condição de trabalho e qualidade de Ensino. Sucursais foram fundadas.

Esmeralda foi incitada a escrever a história dessa associação, mas, segundo ela, não chegou a hora. Os sucessores dos primeiros líderes da associação fazem uma política diferente e novos interesses despontam no cenário. Com sentimento, Esmeralda nos conta:

A coleção “Voz do Professor”, não existe mais. Denise usou das páginas desse jornal para falar das bibliotecas na educação. Antes, havia ideal. A classe vibrava com as adesões dos professores interioranos, liderados por Lúcia Almeida de Cerqueira, a criadora da SUPP e Luzia de Martins, que presidia às reuniões com muito entusiasmo e disposição para a luta.

ESMERALDA: MULHER AFETIVA

Pudemos perceber o quanto de profissionalismo com afetividade, foi plantado por Esmeralda.



Ela se doa com intensidade. É o pilar da família. Sua relação com os sobrinhos é estreita e amorosa; até hoje os orienta em suas vidas.

Estendeu seu afeto à vida profissional, na qual formou intensas amizades, tanto na Universidade como na esfera biblioteconômica.

Era amiga de Laura Garcia Moreno Russo, com quem trocava cartas e avivava sua disposição em trabalhar pela FEBAB. Laura Russo foi uma boa amizade, formada a partir da convivência profissional.



Foto 8 - Esmeralda (em pé) junto com Laura Russo (sentada, 1ª da esquerda) e colegas no Congresso de Biblioteconomia, no Recife

A partir do II Congresso na Bahia, em 1959, Laura apresenta o projeto de criação da FEBAB e aí, ambas iniciam seus laços profissionais e de amizade, como se pode perceber em algumas cartas trocadas entre elas.

Em 1970, Laura me convidou para participar com ela do Congresso em Fortaleza.

A cumplicidade, o carinho e o respeito entre elas podem ser compreendido, a partir de trechos de uma das correspondências em que Laura demonstra admiração pela determinação de Esmeralda em realizar seu curso de Mestrado na Paraíba:

Admiro-lhe o ânimo, mas se o objetivo colimado é conseguir o Certificado, ou Diploma, tudo bem. Eu creio que sua vivência e competência estropolam (sic) tudo que esta fazendo como aluna. (Laura Russo, 1983).

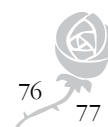
Além disso, o estreito laço entre ambas fez com que Laura Russo encontrasse em Esmeralda uma confidente das questões que envolviam a profissão. Durante anos de militância, dividiram as mesmas ansiedades e angústias.



Foto 9 - Esmeralda e Belita, em 1958, em evento no Rio de Janeiro

O tapete dos bibliotecários começou a ser tirado de seus pés, quando a própria Câmara dos Deputados resolveu, um dia, incorporar a Biblioteca a um Centro de Documentação [...] e tem na direção um leigo, protegido politicamente. Quanto à hierarquia dos bibliotecários no Parlamento Nacional é de Agente Legislativo. Veja bem, mudaram o nome da Biblioteca e, também, do profissional. Tanto os da Câmara como os do Senado se aquietaram, porque o escalonamento rendeu alguns cruzeirinhos a mais e isto diz muito do brio de nossa Classe. (Laura Russo, 1983).

Na Escola de Biblioteconomia, Esmeralda foi entusiasta, inicialmente junto com Belita, mas teve muitos colegas parceiros.



E Esmeralda continua a reavivar suas lembranças:

Eu me destaquei por causa dos relacionamentos, já que fui encarregada de acompanhar a mudança de curriculum e atualizar sempre o ensino.

Sempre houve problemas, como em toda instituição. Eu aceitava participar de muitas ações que envolviam a Biblioteconomia. Nunca tive atritos.

Na minha trajetória, fiz muitas amizades e me sinto gratificada por isso. Quando Maria José ingressou na EBD acabou sendo a colega mais estreita e mais querida, mas eu mantinha bom relacionamento com todos os colegas. Maria José sempre foi desprendida e de um dinamismo incrível.



Foto 10 - Esmeralda e Maria José em evento

Maria e eu fizemos uma boa e duradoura parceria.

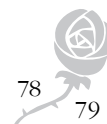


Foto 11 - Esmeralda e Maria José - abertura das comemorações dos 10 anos do ICI

Ainda bem que sua dedicação foi respeitada e considerada. O carinho lhe foi oferecido, constantemente, de forma variada: paraninfa, patrona, homenageada. Recebeu e ainda recebe muitas homenagens.



Foto 12 - Comenda Maria Quitéria



Recentemente, no dia 12 de março de 2008, o Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB-5), juntamente com o Instituto de Ciência da Informação, instituiu a medalha Esmeralda Aragão, em reconhecimento ao relevante papel desempenhado por Esmeralda, para homenagear aqueles que se destacam na área.

A primeira homenageada com essa honraria foi Maria Jose Rabello de Freitas, ex-diretora da EBD e parceira em ações profissionais de Esmeralda por muitos anos.



Foto 13 - Homenagem do CFB em 2000



Foto 14- Homenagem prestada pelos CRB-5 e ICI durante as comemorações dos seus 10 anos, com a criação da Medalha Esmeralda Aragão

Desde o tempo de estudante, Esmeralda já era participante ativa e dinâmica em prol dos ideais de sua profissão. Por isso, não é de se estranhar sua resposta ao lhe perguntarmos sobre projetos futuros.

Logo nos respondeu:

Mas, com 83 anos? Bem, se bem que tenbo uma proposta para escrever sobre a SUPP. Mas, antes, tenbo uma dívida com a Biblioteconomia: escrever sobre Laura Russo. A Biblioteconomia teve muitos profissionais expressivos, pessoas que se destacaram por seu idealismo e realizações. Mas, como Laura... Ela merece a nossa homenagem.

O olhar sereno e tranquilo, quando discorre sobre a profissão que abraçou, traduz um sentimento de dever cumprido. Entretanto, longe de demonstrar acomodação, já que a nossa octogenária possui um vigor admirável, de fazer inveja aos profissionais mais jovens, trabalha como voluntária no Instituto Geográfico Histórico da Bahia (IGHB), participa dos eventos da área, palestrando, publicando livros e artigos, orientando e aconselhando aqueles que a ela recorrem, com a sapiência de um profissional com meio século de experiência devotada à Biblioteconomia, exercendo ativamente sua profissão de bibliotecária e de professora.

Consciente da importância que as novas tecnologias da informação e da comunicação desempenham no fazer biblioteconômico da sociedade da informação, Esmeralda decidiu que não poderia ficar alijada desse processo e buscou meios para enfrentar o desafio que nos é imposto no uso dos novos artefatos tecnológicos: comprou um computador e após algumas aulas com um professor de informática, hoje navega pelo mundo da informação. Esse comportamento demonstra que, independente da idade, o bibliotecário deve estar atento às mudanças que se configuram na dinâmica do contexto social. É mais um exemplo de Esmeralda!





Foto 15 - Esmeralda em momento de descontração

No plano amoroso, Esmeralda é reservada e nos fala, sem mágoas:

Tive alguns namorados, mas nenhum chegou a concretizar uma união. Não registro isso como algo importante na minha vida. Mágoas passam e são substituídas pelos ideais e amizade.

Prosseguimos com a entrevista:

– Esmeralda sua vida já é mensagem. Seu testemunho, uma grande herança para os jovens, mas o que vocêalaria aos novos bibliotecários?

Que eles entendessem a importância da profissão na sociedade e a ela se dedicassem com muito entusiasmo e amor.

Prova maior de sua afetividade é a gratidão que Esmeralda devota aos amigos e colegas inesquecíveis:

FRAGMENTOS DE UMA PRECIOSA MEMÓRIA : ESMERALDA ARAGÃO E A BIBLIOTECONOMIA NA BAHIA

Agradecimento

Quando fui comunicada pelas colegas Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira e Angela Maria Barreto que iriam me entrevistar para um livro que estavam escrevendo, comemorativo dos 10 anos do ICI, supus que, realmente, tratava-se de um registro memorialista da escola. Na realidade, explicaram-me: – Você participou desde o início da Escola de Biblioteconomia e seu depoimento estaria, assim, justificado.

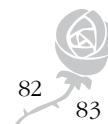
Tempos depois, qual não foi minha surpresa ao chegarem a minha casa, para a entrevista, com gravador e filmadora, e me disseram:

– *“Nós gostaríamos que contasse dados sobre sua vida familiar, antes de chegar ao Curso de Biblioteconomia. Muito bem. Assim, fui contando tudo relacionado com minha vida pessoal até chegar à profissional. E elas então revelaram-me:*

– *“vamos editar um livro sobre você como uma personalidade destacada da nossa Escola.”*

Fiquei comovida, mas pensei: por que eu? O texto que fizeram da entrevista, inclusive, está marcado mais pela admiração, pelo afeto.

Decidi, então, fazer este agradecimento sincero e estender a homenagem aos fundadores da Escola: Bernadette Sinay Neves, Felisbela Liberato de Matos Carvalho, conhecida como Belita, Oswaldo Imbassay da Silva e Maria José Passos. E também a todos os outros professores que os seguiram: Maria de Lourdes do Carmo Conceição, Dinorá Luna de Assis Quaresma, Margarida Pinto de Oliveira, Eurydice Pires de Sant’Anna, Marinha de Andrade, Clara Maria Weber, Francisco



Liberato de Matos Carvalho, Gilda Pires Ferreira, Maria José Rabello de Freitas, Denise Tavares, Kátia de Carvalho, Carmélia Regina de Mattos, Rosa de Lima, Gilda Sento Sé de Carvalho, Consuelo Pinheiro Santos, Gilda Bastianelli, Maryvone Palma de Melo e tantos outros que a minha memória, momentaneamente, insiste em não recordar. Gostaria de lembrar ainda os alunos que seguiram a carreira acadêmica.

A escola cresceu. Em 60 anos tornou-se conceituada nacionalmente, comparecendo com brilho aos congressos, encontros profissionais e eventos nacionais e internacionais. Mudou o cenário cultural baiano com as bibliotecas estaduais e universitárias renovadas, prestando relevantes serviços aos usuários, professores e alunos. À medida que os alunos iam se formando, Belita, como gostava de ser chamada, encaminhava-os às bibliotecas estaduais e universitárias proporcionando-lhes um estágio prévio. Em seguida, conseguia a efetivação deles. Assim, a turma de 55, a primeira da Universidade, foi ocupando a direção das bibliotecas: Direito – Esmeralda Aragão (oradora), Politécnica – Marinha Andrade; Economia – Maria Nelcy Mendonça Leal; Medicina – Maria Stela Santos Pita Leite; Fundação Gonçalo Muniz – Eurydice Pires de Sant’Anna; Petrobrás – Noreth Calmon de C. Ribeiro. Sucessivamente, os novos formandos iam assegurando suas vagas nas unidades universitárias e estaduais.

Na verdade, apesar de ter contribuído com amor e dedicação aos ideais da Biblioteconomia, não esqueci todos os que então colaboraram desde Bernadette, sua fundadora, até os nossos dias. Também merecem o reconhecimento da Escola. Destaque especial para o reitor Edgard Santos do

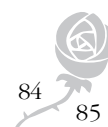
Rego, que não só apoiou a inclusão da escola como unidade universitária, como atendeu a todas as reivindicações para seu crescimento.

Lembro ainda a participação de João Mendonça, João Carlos Teixeira Gomes, Luis Henrique Dias Tavares, Waldette Santos e tantos outros que lecionaram disciplinas não-técnicas, mas que figuravam no currículo como complementares obrigatórias.

Não posso esquecer os secretários que deram apoio à Escola: Marly Magalhães de Freitas, Angela Maria Pinto Sousa e Braga, Licia Maria Wagens Figueira, Carmen Sylvia Spínola Torres da Silva, Carmen de Freitas Borja Guimarães, Lúcia de Matos e Matos, Terezinha Correia de Melo Luna, Marília Tenório Cavalcante e Ariston Mascarenhas Junior, este que vem sendo homenageado todos os anos pelas turmas de diplomandos em reconhecimento de sua competência e dedicação ao trabalho.

É importante registrar as ações de Maria José Rabello de Freitas. Desde 1980 se empenhou em organizar o Curso de Arquivologia, convidando Laura Russo, especialista no assunto, para um primeiro encontro em 1981 e continuou preparando o Curso de Pós-Graduação em Arquivologia com o apoio do professor Lúcio Farias, realizando-o com muito êxito. O Curso de Arquivologia é uma realidade. Teve precursores como a professora Zeny Duarte, ex-aluna, que a ele se dedica e que, por longo período, coordenou-o e efetivou seu reconhecimento.

Nos dez anos do ICI, é justo reverenciar os seus primeiros diretores: Othon Jambeiro, Teresinha Fróes, Kátia de Carvalho



e a atual, Lídia Maria Batista Brandão Toutain, estas últimas, ex-alunas, que iniciaram um novo tempo na Biblioteconomia, administrando com carinho os desafios impostos pela era da Informação e que é também a da Ciência da Informação.

Assim, agradecendo, vibro com emoção e carinho ante este reviver dos tempos biblioteconômicos.

Esmeralda Aragão

COMPARTILHANDO LEMBRANÇAS

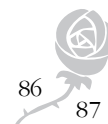
Inicialmente, acreditávamos na possibilidade de inserir muitos depoimentos neste texto, com o propósito de formar uma rede de testemunhos e lembranças que consolidassem o que foi dito sobre Esmeralda Aragão. Depois, concordamos que o testemunho de uma vida digna e voltada para o outro já fora dado em sua trajetória de vida, de que muitas pessoas puderam compartilhar.

Resolvemos, então, abordar apenas três pessoas representativas de sua época de trabalho. Portanto, com estreita convivência com ela, perguntamos aos três, separadamente, o que gostariam de expressar a respeito da professora Esmeralda. Por ordem, os depoimentos:

DA COLEGA E AMIGA,
PROFESSORA MARIA JOSÉ RABELO DE FREITAS

Esmeralda Aragão: *reflexão sobre seus dons*

Atendi com alegria a solicitação de registrar meu depoimento sobre Esmeralda Aragão. Prefiro apontar alguns



ângulos do conjunto de sua personalidade, a destacar aspectos profissionais. É um momento prazeroso para mim, embora a um só tempo fácil e difícil. Fácil, quando detenho meu olhar na marca que a identifica, “a natureza búdica”, a TRANSPARÊNCIA da mente fundamentalmente pura, que, em todos os seres, constitui a base para alcançar a **iluminação**. Esmeralda é uma pessoa transparente; pessoas assim não temem mostrar o que levam dentro de si. Ela não se fecha em si mesma, soma-se a tudo e a todos; é autêntica, sóbria, íntegra, sensata. Ela tem a ética dos realizados. Já rompeu armadilhas internas. Por isso é natural, tranquila, espontânea. É sensata no pensar e no agir. Seu poder vibra no **ser**. ela não precisa dele, do poder, de título algum como prova de que já chegou a algum lugar. Em geral, o poder ensina pela via do antiexemplo. Esmeralda, ao contrário, é o exemplo ensinando. A querida mestra não foi tão-só excelente professora da UFBA. Falo da grande mestra de catalogação, competente, firme no domínio total da área, professora completa, educadora repousada na sabedoria, passando o saber para gerações de variadas idades, nas salas de aula ou no convívio diário com colegas.

É bem mais: Esmeralda é a chave que nos abre as portas para algo muitíssimo maior do que a catalogação e até ela mesma percebe, é uma **bodisatva** [em sânscrito aquela cuja essência (sattwa) tornou-se inteligência próxima da perfeição (boddhi)]; é um título celeste.

Como sua aluna, sempre fiz questão de chegar cedo para sentar-me em frente da mestra; era o momento de perceber, na realidade mais que a disciplina catalogação, todos os ensinamentos de vida que ela passava aos alunos.

Sua presença me reportava ao **sutra** do Sri Ravi Shankar: “Um mestre é como um oceano. O oceano está lá. Sempre disponível, sem rejeitar ninguém.” Mergulhei tanto no oceano Esmeralda, que colhi uma **grande amiga** – amizade sólida, não-comum.

Comunhão mágica essa que une os corações de ex-alunos, colegas, amigos, familiares, autores, leitores em ato de amor-maior, um culto de gratidão, de reconhecimento legítimo pelo que Esmeralda representa para todos nós, que festejamos, aqui neste livro, a vida e os dons que Deus lhe deu e que ela sabe cultivar.

Agradeço a brilhante ideia posta em prática por Maria Isabel de Jesus Sousa e Ângela Maria Barreto, ambas arautos dessa sincera e esplêndida manifestação de amor.

Quando registrei acima que, por um lado, é difícil falar de Esmeralda, é por conhecer seu caráter e não ter a mínima intenção de ferir sua sensibilidade ou atingir o teor da legítima modéstia que emoldura sua personalidade; esta, nossa expressão, nosso sentir, nossa dificuldade. É mister esclarecer que a tentativa deste rápido, porém lídimo depoimento, não captou, nem proclamou tantas outras virtudes e dons que lhe adornam o caráter e que são visíveis a todos que têm a dádiva de sua convivência. Por isso não se esgota aqui e certamente todos que o lerem estarão fazendo justos acréscimos.

Esmeralda é também dotada do dom da ESCUTA, como da FIDELIDADE. São marcas que a identificam. Em grande escala, o dom da escuta funcionava nas salas de aula – ouvia e tirava dúvidas dos seus alunos com excelsa paciência e atenção. Ela exerceu esse dom com virtuosidade, quando



conquistou a comunidade de Cachoeira, para a montagem do importante projeto de instalação da primeira biblioteca pública dessa cidade, a Biblioteca Ernesto Simões Filho. Aqueceu o coração de todos na cidade histórica, ouvindo a comunidade local, auscultando-lhe os interesses, descobrindo tendências, estimulando vocações, para presentear-lhe com uma biblioteca viva, que lhe falasse pela voz própria de seu povo criativo, com a perfeição das suas “bonecas de pano” (especial artesanato da cidade), com a lira de jovens poetas em embrião, alunos ginásianos da cidade. Queria que tudo se consagrasse num belo acervo bibliográfico, capaz de atender a todas as classes e gostos da comunidade.

A meu ver, Esmeralda sempre sonha em ir à busca dos seus sonhos, sabendo distinguir as fronteiras dos viáveis, realizáveis e das utopias. Foi assim em Cachoeira. O sentido da escuta era o termômetro do fazer, do como fazer, para dar alma à biblioteca. Viveu-se um período de efervescência cultural coletiva e nada foi subjetivamente desejado, irrealizável, puro sonho; ainda me lembro da fisionomia dos cachoeiranos briosos, com justo orgulho na inauguração da biblioteca.

No que concerne ao dom da fidelidade, quando Esmeralda me fala de Laura Russo, Belita, Denise Tavares, Imbassahy, Carmelinda e outros mestres, colegas, amigos e/ou familiares que já se foram, o faz com um sabor de **fidelidade**, de pertença e de afeto tão sinceros, que me lembra Santo Agostinho: “Os mortos estão invisíveis, mas não ausentes.”

Esmeralda consagrou-se como memorialista reconhecida e indiscutível – e tem mesmo memória privilegiada – ao

coordenar o livro comemorativo do “Cinqüentenário da Escola de Biblioteconomia e Documentação”, lançado no dia 13.12.1992, por ocasião dos eventos dos 50 anos da Escola. Foi exímia na realização dessa tarefa, redescobrimo o traçado histórico da instituição e lembrando-a a cada dez anos, com objetividade e clareza significativas.

A representação gráfica do acontecimento, cinquenta anos de vida, foi apresentada inteligentemente por meio de uma árvore na qual se aninharam os filhos fundadores, os demais professores, o alunado, os fatos, os atos, entre-atos e os laços históricos da escola, trazendo nossos mestres mortos como sementes vivas de sua história-em-suas-raízes. Essa árvore veio estimulando toda a família biblioteconômica no prosseguimento de suas ações e vida para o nível merecido, trazendo a todos o sentir de herdeiros de um patrimônio de alto valor.

Não tenho asas para voos tão altos quanto necessários a fim de alcançar e aclamar muitos outros dons de Esmeralda, como também não tenho o poder mágico de viajar através do tempo e encontrar a garota e adolescente, como me disse uma vez sua saudosa mãe: “Esta menina de Brotas sempre foi responsável, queria chegar bem cedo na escola, em casa brincava de professora, andava mais com os livros em baixo do pé de árvore no quintal do que com as bonecas, parece que já adivinhava que ia ser professora.”

Hoje, amiga, olho seus cabelos semi-esbranquiçados, e vejo neles a coroa da verdade que o tempo confirma: o selo de sua personalidade já envolvida nas cores esmaecidas da vida, mas sempre a mesma Esmeralda, sensata, respeitável,



com uma nobreza madura e uma natural tranquilidade de quem sabe viver a vida sem ambições desmedidas, sempre zelosa no trato com as pessoas, de um otimismo sadio, “de bem com a vida”, plena de uma esperança cristã, confiante nas decisões do Pai.

Maria Jose Rabelo de Freitas

DO COLEGA E AMIGO ARISTON MASCARENHAS,
GERENTE ADMINISTRATIVO

Conheço Esmeralda desde menino, pois ela foi colega de minha tia Eurydídice Santana, bibliotecária e professora da EBD. Assim, antes de conhecê-la como profissional, já mantínhamos amizade e nos víamos em ambientes diversos, principalmente nos meios bibliotecários. Por causa de minha tia e também por trabalhar na Biblioteca Central, eu me relacionava com bibliotecários, professores da década de 80, em prazerosas reuniões sociais.

Lembro-me muito de Esmeralda na biblioteca de Direito.

Quando ela participou do projeto de reorganização da Biblioteca Pública Simões Filho, de Cachoeira, conheceu o prefeito da cidade, à época, coincidentemente, meu pai.

Assim, quando fui trabalhar na EBD, em 1978, já conhecia muitos professores e bibliotecários de lá. Mesmo porque, ainda que trabalhasse na Biblioteca Central, sempre fora requisitado para ajudar outros setores, inclusive a EBD. Na EBD, trabalhei, no início, na Secretaria de Comunicação, mas auxiliava outros setores e até a Secretaria Administrativa,

com os mapas de notas. Era por volta de 1980 e Esmeralda era coordenadora do colegiado de Biblioteconomia. Foi, então, que me aproximei mais dela, dessa vez de modo profissional, ainda que continuássemos amigos. Esmeralda sempre teve um tratamento cordial com os funcionários, alunos e colegas professores. Era cuidadosa, carinhosa. Trabalhou em parceria com Maria José Rabello, parceria que impulsionou a EBD. Ambas se respeitavam muito, ainda que bem diferentes em suas características. Lembro-me dessa época e do quanto era alegre. Tudo muito sério, porém, com festas e integração de todos. Participamos até de coral em comemoração ao Natal. Esmeralda participou ativamente do desenvolvimento da EBD. Praticamente ocupou todos os cargos, menos a direção. Mesmo assim, sempre se mostrou pronta para ajudar. Todos eram bons colegas e trabalhavam pela escola de forma unida.

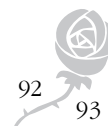
Esmeralda deixou marcas e saudades nos colegas, alunos e funcionários.

Quanto a mim, tenho o privilégio de ainda ser seu amigo. Participamos juntos de muitas reuniões sociais ou até mesmo religiosas. Sou eu quem dá carona à professora. Gosto de sua companhia e lhe sou grato pelo carinho.

Ariston Mascarenhas

DA EX-ALUNA E AMIGA,
PROFESSORA CARMÉLIA REGINA MATTOS

Ao ingressar na Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Bahia, no ano de 1962,



cursei a disciplina denominada Catalogação, que era ministrada pela professora Esmeralda Maria Aragão. Encantei-me com a disciplina e a maneira como era ministrada. No final do primeiro semestre, a professora convidou-me para estagiar na Biblioteca da Faculdade de Direito, onde ela exercia a função de bibliotecária. Ao término do estágio, a referida professora indicou-me para organizar a biblioteca do professor Estácio de Lima, especializada em Medicina Legal, sob sua supervisão. Permaneci naquela biblioteca durante todo meu período acadêmico.

Após a conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia, as professoras Esmeralda e Felisbela indicaram-me ao diretor do IPEAL (Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Leste), para fazer um curso de especialização em documentação agrícola, no Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas, na cidade de Turrialba, na Costa Rica, permanecendo lá por seis meses.

No meu retorno ao Brasil, fiquei sediada na cidade de Cruz das Almas, desempenhando minhas atividades no IPEAL, hoje EMBRAPA, sem, contudo, perder o contato com a professora Esmeralda, a quem sempre recorria nas minhas dúvidas. A professora viajou com bolsa de estudo, foi para Madrid. Mesmo distante, mantínhamos contato, gerando a minha ida até Madri.

Sabendo do meu interesse em retornar para Salvador, Esmeralda convidou-me a candidatar-me para o Concurso de Professor Auxiliar de Ensino, do Departamento de Biblioteconomia, em 1972. Não foi possível meu ingresso na carreira, embora tenha sido aprovada, pois só havia uma vaga, que

foi ocupada por Denise Tavares. Em 1977, a professora Esmeralda renovou o convite, tendo eu sido contratada como Professor Colaborador em maio do mesmo ano.

Assumi as disciplinas Catalogação I, II, III e IV, fazendo parceria com a titular da disciplina e revezamento nos semestres. Trabalhamos no PRODESCA (Projeto de Desenvolvimento da Cidade de Cachoeira).

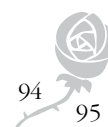
Participei da gestão de Esmeralda quando presidente da FEBAB (1975-77), como tesoureira da entidade. Participamos de alguns congressos de Biblioteconomia e publicação de trabalho em co-autoria.

Em 1983, aceitando a sugestão da professora Esmeralda, candidatei-me ao Curso de Mestrado na Universidade Federal da Paraíba, onde ela já se encontrava. Permanecemos em João Pessoa durante o ano de 1984 e início de 1985.

Esmeralda sempre esteve presente na minha vida acadêmica e profissional, deixando-me de herança o ensino da Catalogação. Relembrando a saudação a ele dirigida por mim, quando foi homenageada pelo Conselho Federal de Biblioteconomia, reitero minhas palavras, dizendo: “Quando Jesus se dirigia ao calvário carregando a pesada cruz, passava por ali certo homem de Cirene que o ajudou a carregar a cruz. Pois bem, Esmeralda representa esse cirineu na minha vida.”

Às vésperas do meu afastamento da vida profissional, após 31 anos de magistério, venho expressar minha gratidão a Esmeralda pelo carinho, apoio e orientação recebidos ao longo desses anos.

Carmélia Regina Mattos





CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esmeralda Aragão, suas memórias, sua trajetória, sua honrada história de vida. Como educadora foi corajosa, como bibliotecária, competente, responsável. Aplicava a técnica biblioteconômica com dedicação e organização. Sua competência técnica foi estendida à competência relacional. Não descuidou de si. Transformou o convívio em espiritualidade inteligente.

Materializou seus sonhos, concretizou seus objetivos. Mas, claro, teve suas desilusões e frustrações. Generosa, sempre teve forças para superar os desânimos.

Pode-se dizer que é uma mulher exemplar, daquelas que transformam seu tempo deixando heranças às novas gerações, marcas e boas lembranças nos que com ela conviveram.

Com seu pulso e dinamismo, conduziu suas atitudes com afetividade e dedicação, atributos comuns às grandes educadoras. Lia e contava histórias para seus alunos, para influenciá-los no prazer da leitura, preparando-os para viver com liberdade. Alimentou a imaginação dos meninos e procurou dar a eles confiança e crença em suas inteligências.



De forma consciente, Esmeralda acreditou em seu potencial como educadora. Intuitiva, ousou melhores caminhos para a sociedade, combatendo, assim, a miséria social.

Com tranquilidade, trabalhou muito para a Biblioteconomia baiana, continuando o mister de seus precursores.

Coletivamente, era como sabia fazer as coisas. Uma característica sua e que beneficiou a muitos. Daí sua presença em conselhos estaduais ou federais, em associações, federações de ensino, congressos, eventos profissionais.

Essa sua singularidade consolida sua alteridade. Esmeralda sempre se colocou à disposição para ajudar a desenvolver uma sociedade melhor. Sua vocação extensionista está ligada à sua personalidade e não à obrigatoriedade. Fez tudo com sabedoria e simplicidade. Participou da implantação de várias bibliotecas.

No ensino universitário, pôde resgatar sua vocação primeira, a de educadora. Juntou Educação e Biblioteconomia e não poderia ter se saído melhor. Foi formadora de muitos profissionais, hoje destacados nos meios biblioteconômicos.

Excelente comunicadora, utilizou-se de seus conhecimentos jornalísticos. Escreveu vários artigos e livros. Usou informações para o sustento de sua experiência e intuição com a finalidade de comunicar, organizar, formar e buscar uma sociedade justa.

Espírito livre, essa mulher continua apaixonada pela vida, pensando e realizando novos projetos.

Por isso, continua sendo admirada por parentes, amigos, colegas, alunos, ex-alunos.

Esmeralda, nós lhe agradecemos pelo testemunho de força, simplicidade e competência.

REFERÊNCIAS

- A BIBLIOTECONOMIA na Bahia: 40 anos de atividades. Salvador: [S.n], 1982.
- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Rio de Janeiro, Martins Fontes, 2003.
- ARAGÃO, Esmeralda Maria de; QUARESMA, Dinorá Luna de Assis (Org.). **Cinquentenário da Escola de Biblioteconomia e Documentação**. Salvador: Gráfica Universitária, 1992.
- BARRETO, Ângela Maria. **Memória e sentidos**: as categorias da produção de sentidos. Salvador: EDUFBA, 2005.
- BARRETO, Ângela Maria. Memória e sociedade contemporânea. **Revista da Associação de Bibliotecários de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 161-176, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** : a era da informação. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. p. 178.
- DEBRAY, Régis. **Transmitir**: o segredo e a força das idéias. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KEMP, Kênia. Identidade cultural. In: GUERREIRO, Silas (Org.). **Antropos e psique**: o outro e sua subjetividade. 4.ed. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- KOBASHI, N.Y. Análise documentária e representação da informação. **Revista Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 5-27, 1996.



LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEROI-GOURHAN A. **Le geste et la parole**. Lisboa: Edições 70, 1981.

IANNI, Otávio. Formas sociais do tempo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.37, 1997, p.57-81.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática Coletivas. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MATTOS, Carmélia R. de. (Org.). **Último decênio da Escola de Biblioteconomia e Documentação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo, n.10, 1993. p. 7 -29.

ORTEGA, Crsitina Dotta. Relações históricas entre a Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, out. 2004.

SCHIMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v.4, n.1/2, p. 285, 1993.

SOUSA, Maria Isabel de Jesus Sousa. **Olhares entrecruzados**: leitura na escola e na biblioteca do Centro Educacional Carneiro Ribeiro/Escola Parque. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.



COLOFÃO

Formato	15 x 21 cm
Tipologia	Gatineau 11/15 (texto) Trajan (títulos)
Papel	Alcalino 75g/m ² (miolo) Cartão Supremo 250 g/m ² (capa)
Impressão e acabamento	ESB - Serviços Gráficos
Tiragem	300
Fotolito	Registro